

Lêgerîn

Número 10

“Insistir no socialismo é
insistir no ser humano.”

Lorem ipsum

Guerra e Crise do Capitalismo



Índice.

Nota editorial	3		
O capitalismo é poder, não economia Abdullah Öcalan	4	Chega de auto-engano Carta de um internacionalista que se juntou às fileiras da guerrilha	33
Perspectiva internacionalista	8	Lições Históricas para um Novo Ciclo Revolucionário Raúl Zibechi y Decio Machado	37
El camino a la libertad tras despertar de la pesadilla	13	Em memória da Comandanta Ramona Raúl Romero	40
O velho mundo está morrendo, o novo ainda não nasceu Hans Liebknecht	18	O século XXI será o século da libertação da mulher Women Weaving the Future	43
A face escura do capitalismo Oriol Antich	20	A autodefesa como garantia de autonomia Guardia Indígena CRIC	46
Borboletas e o Fogo. Em memória de Ş. Sara e Ruken Gulbahar Dorşin	25	O que aconteceu na história? Comitê Editorial	50
O colapso do sistema e o papel dos povos oprimidos nele Rosa Kollontai	29	Canção: Guerra Popular Revolucionária Manuel Tama	55





Editorial.

Queridos companheiros e companheiras,

Um ano 2022 marcado pela guerra, pela contrainsurgência e pela intensificação da crise global ficou para trás e agora, no início de 2023, vemos como este processo de deterioração, longe de ser resolvido, não deixa dúvidas de que continuará e vai se aprofundar. Terceira Guerra Mundial, a crise ecológica e econômica, a militarização da sociedade, os estados de emergência e os climas de pânico generalizado não serão apenas a agenda de 2023, mas vão chegar à dimensões que gerações vivas nunca conheceram.

Uma corrida armamentista e de propaganda começou entre os Estados hegemônicos para alcançar a nova garantia de suas possíveis vitórias futuras: a construção artificial de cenários de pânico social e a proliferação de discursos nacionalistas exagerados e extravagantes com o objetivo final de eliminar a insurgência; estabelecer a política de "cada cidadão um soldado" e assim tentar negar completamente os povos e sua vontade, dando-lhes apenas uma possibilidade: para não perecer, dar todo o controle e poder ao Estado.

Enfrentamos um futuro incerto e um presente assustador se não enfrentarmos estas circunstâncias históricas com uma compreensão profunda das estratégias e planos renovados de nossos inimigos para tentar estabelecer controle absoluto sobre nossas sociedades até que sejam completamente sufocadas.

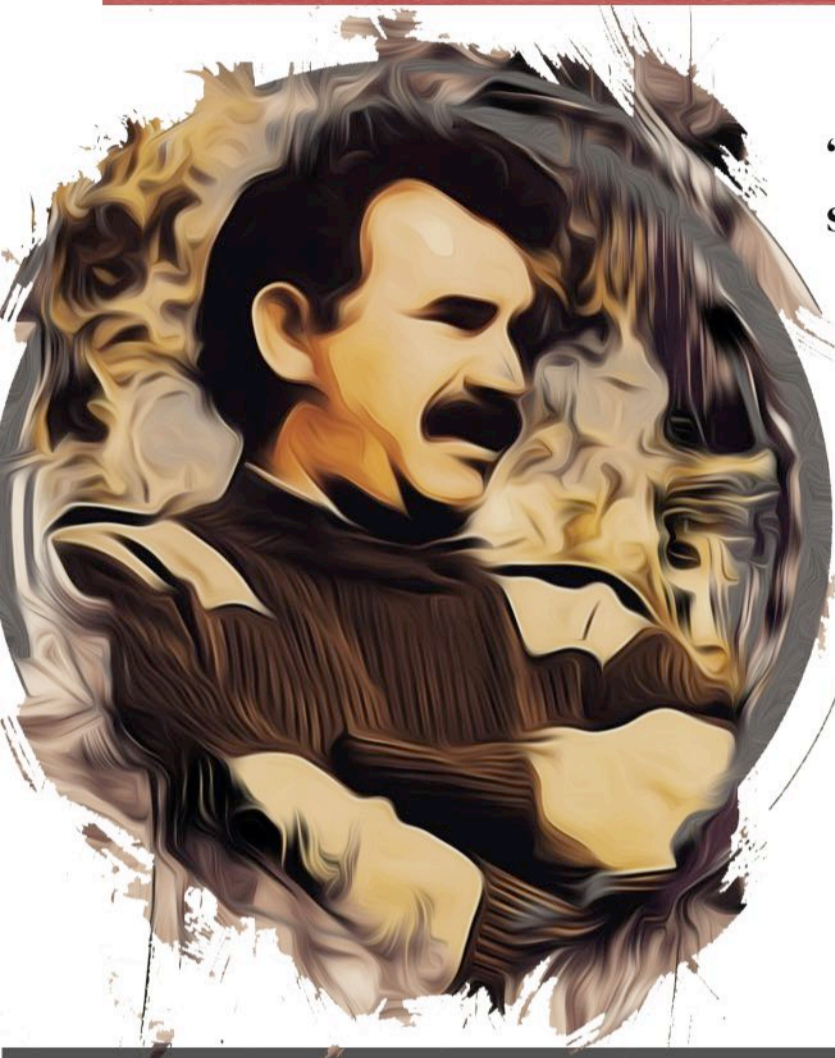
Da mesma forma, esta etapa abre uma janela de oportunidade para que os povos oprimidos, as mulheres e a juventude revolucionária do mundo possam reunir suas experiências ancestrais de luta; superar as diferenças superficiais que antes nos dividiam e concentrar urgentemente toda nossa energia na construção da alternativa que nos permitirá defender a vida em nosso planeta e, passo a passo, recuperá-la das mãos daqueles que insistem em destruí-la.

É por isso que nesta 10ª edição da revista Lêgerîn tentaremos construir esta compreensão profunda das condições em que nos encontramos atualmente: a guerra e a crise do capitalismo; para nos preparar para este ano de 2023 que será marcado pela intensificação destas condições, mas também por grandes oportunidades organizacionais e estratégias para construir alternativas populares fortes e duradouras que abram o caminho para a esperança em meio a tempos sombrios.

Reconheçamos de uma vez por todas que estamos em meio a uma guerra de extermínio e, diante disso, escolhamos o único caminho onde encontraremos amor e beleza: a luta revolucionária para libertar e reivindicar nosso mundo!



O capitalismo é poder, não economia



“O capitalismo usa a economia, mas não necessariamente significa que seja econômico”

“Mas então precisaria se perguntar, se o que se impõe de fora é o oposto do mercado, não é economia. Então o que seria ? Um poder político, uma religião, uma corrente de pensamento? ”

“Como poderíamos definir esse sistema ?”

“a verdadeira proprietária da economia é a mulher”

Abdullah Öcalan

A afirmação de que o capitalismo não economia deveria ter tanta transcendência quanto O Capital de Marx. Deve-se entender de antemão que isto não tem nada a ver com um suposto reducionismo a respeito do poder, tão pouco aceito as críticas que vêm de quem associa o capitalismo econômico e Estado. Estou me referindo a formação do capitalismo, dos capitalistas, da economia capitalista, assim como da força política elitista que controla a economia, que surgiu no século XVI e se converteu em hegemônica na Inglaterra e Holanda.

O capitalismo usa a economia, mas não necessariamente significa que seja econômico

O prestigiado historiador e sociólogo Fernand Braudel foi o primeiro a dar-se conta desta realidade mas, apesar de estar consciente de que estava quebrando a espinha dorsal do pensamento europeu, não foi capaz de sistematizar e expor com clareza estas ideias quando disse que o capitalismo é contrário ao mercado, que se trata de um saque por parte dos monopólios e que se trata de uma imposição exterior.

Mas então precisaria se perguntar, se o que se impõe de fora é o oposto do mercado, não é economia. Então o que seria ? Um poder político, uma religião, uma corrente de pensamento?

As respostas são insuficientes. Neste sentido seria mais útil estudar os desvios do pensamento em esferas práticas que os produzem, começando, por exemplo, com o caso de Veneza. No século XIII, nesta cidade havia um grupo de comerciantes que mantinha o controle administrativo, econômico e social da cidade, que contava com um exército e combatia a seus rivais, além de serem mecenas do Renascimento. Poderíamos dizer que tudo isso era mantido coeso com a argamassa do dinheiro. Que conceito corresponderia esse conglomerado? Também poderíamos explicar que a economia de Veneza era controlada por um grupo de grandes comerciantes que ficavam com uma parte importante da mais-valia e que, para conseguir este objetivo, controlava com mão de ferro o poder político e que, quando necessário, lançava mão de força militar. Trata-se do mesmo

grupo ainda que mudem alguns nomes, um grupo decisivo ao menos se tratando de Veneza, um monopólio de comerciantes que é ao mesmo tempo uma burocracia, um Estado, um Exército, o protetor da comunidade, da arte e da Igreja; ou seja, uma concentração de poder que superava até mesmo o conceito de Estado. E tão pouco é uma economia pois se impõe ao sistema econômico como um monopólio exterior, da mesma forma que impõe uma hegemonia social à cima do Estado. Haveria se convertido em um poder nacional se tivesse podido se estender a toda Itália; se houvesse se expandido por todos os setores sociais, iríamos chamá-lo de Estado-nação; se houvesse controlado a economia, o chamaríamos de poder econômico; e império europeu ou mundial, se houvesse levado sua posição dominante ao resto da Europa e do mundo.

Com base nestas suposições, fixemo-nos agora na posição geográfica da Holanda e Inglaterra no século XVI. O fundamental é que os reinos da Espanha e França, que queriam formar impérios, intimidavam a estes países para convertê-los em províncias suas, mas seus príncipes e monarcas queriam conservar e desenvolver sua independência, e, para isso, necessitavam da força política, militar, monetária e intelectual suficiente



para não serem devorados. Por esse motivo patrocinaram a pensadores e artistas, como Descartes, Spinoza e Erasmo, à medida que surgem os ricos cambistas judeus e as fundações de um novo exército são lançadas, um exército profissional com treinamento, disciplina, e técnicas profissionais. Também dão grande importância a liberdade para alcançar maior apoio e coesão social e resolver conflitos políticos internos. Mas o mais importante é que garantem uma produtividade econômica consideravelmente maior do que o resto da Europa. Tendo em conta todos esses elementos, pode-se dizer que não só conseguiram lidar com a ameaça de seus rivais como puderam se converter em hegemonia no fim do século. Qualquer um que tenha conhecimento sobre esse assunto reconhecerá que, fundamentalmente, foram assim que se deram os fatos. Voltemos a realizar nossas perguntas; como nomearíamos a esta rede, a esta fusão de vínculos e relações?

Como poderíamos definir esse sistema?

Por acaso é produto da criatividade inovadora de alguma classe econômica? E se trata-se de uma economia lucrativa, quem a criou? São mil e um tipos de artesões, lavradores, trabalhadores, pequenos comerciantes, feirantes, fluxos de dinheiro,

notas promissórias... que aceleram a circulação e o mercado. O mais importante é que esta rentabilidade econômica incrementa a mais-valia. Quem fica com a parte do leão? Supõe-se que quem controla a economia com o dinheiro e a força político-militar, pois se não há dinheiro tão pouco há compra e venda ou lucro, mas se não existe exército nem força política, o país será ocupado e a rentabilidade também diminuirá.

Isto significa que, ainda que este setor monetário seja um fator determinante, só consegue manter seu papel se a economia também está sob seu controle, incluindo a possibilidade de confiscar a crescente mais-valia.

Tratam-se de setores que provavelmente mantiveram vínculos estreitos com o poder político e militar e é mais que provável que também tenham sido os comandantes do exército, que tiveram uma grande necessidade de recursos econômicos e que, portanto, faziam parte dos mesmos setores dedicados à coleta de lucros ou, se não fosse assim, tinham um relacionamento íntimo com eles. E isso não os impediu de seguir promovendo os movimentos artísticos e filosóficos; o apoio a liberdade lhes deu prestígio e também não se furtaram em apoiar os opositores de países rivais. De novo nos perguntamos: como chamar esse complexo movimento? Se o chamamos de econômico, a verdade é que não há uma pessoa que se ocupe

apenas da economia; o que fazem é confiscar a mais-valia. E quem são estes? São aqueles que, por fora, se impõem à economia, os que acumulam o dinheiro e o transferem para o Estado em forma de dívida, acelerando assim o valor do dinheiro em circulação; são aqueles que, em troca, provavelmente se tornarão parceiros do Estado.

Vemos que o que chamamos capitalismo, capitalistas e economia capitalista controlam indiretamente a economia mas não ocupam um lugar específico dentro dela.

Em essência, de que se ocupam? Estão vinculados ao monopólio do poder, unificam o monopólio econômico com o do poder. Combatem e quando ganham uma guerra aumentam sua força e, portanto, a mais-valia. E quando ganham uma guerra aumentam sua hegemonia e colônias. Isso se chama saque monopolista. Se extrapolarmos os casos da Inglaterra e Holanda, temporal e geograficamente, veremos os fatos com mais clareza. Primeiro se aliam para alcançar hegemonia na Europa, rompendo o controle do império espanhol no

fim do século XVI, dando um golpe mortal a suas aspirações imperiais, como ocorre com a França e o sonho imperial dos Habsburgo, apoiando a Prússia contra a Austria. Neste sentido a guerra dos Trinta Anos e a Paz de Westfalia (1648) põem fim ao período de guerras religiosas, traçam as novas fronteiras e acimentam o equilíbrio

entre os Estados nacionais. A resposta da França foi a Revolução de 1789, que, sob Napoleão, pôs um fim a esta hegemonia estratégica. É nesta mesma época em que

continua até a costa da China

As dimensões gigantescas dos problemas sociais e ambientais levaram ao surgimento de sociedades democráticas dispostas a construir suas próprias civilizações e, portanto, é mais provável que hoje uma união confederada democrática proporcione uma solução para problemas globais que possam superar o culto imperial herdado das antigas formas de Estado.

A corrente principal, após ter causado um

apesar de todos os esforços para a anular e a colonizar. Se queremos submeter a economia a uma valoração sociológica significativa, temos que reconhecer que a força básica encontra-se na mulher pois é ela quem cria as crianças, desde o ventre até que sejam capazes de caminhar sozinhas, e também é ela a responsável pela alimentação. Minha resposta sociológica é mais respeitosa com a realidade, ainda que não esqueça do fator biológico.

“Estas premissas servem para colocar o capitalismo em seu devido lugar.”

se perde a guerra das colônias e entramos no século XIX com a Revolução Industrial, culminando assim na hegemonia da Inglaterra e lhe abrindo caminho ao império mundial. O monstro alemão despertou na figura da Prússia mas, após a vitória sobre a França em 1870, foi derretado e subjugado nas duas guerras mundiais que desencadeou para assentar sua hegemonia na Europa e no mundo. Da sua parte, os EUA, uma segunda Inglaterra, saiu triunfante nas duas guerras mundiais; busca ser o império do mundo, mas, para impedir um novo naufrágio e expandir sua vida, precisou entrar em uma espécie de guerra defensiva.

A trajetória do poder é, portanto, como o canal que nasce em Uruk e aumentando sua corrente com milhares de afluentes desaparece nas águas oceânicas e às portas de Nova York. Ainda que o mais provável seja que se desintegre, ainda poderia

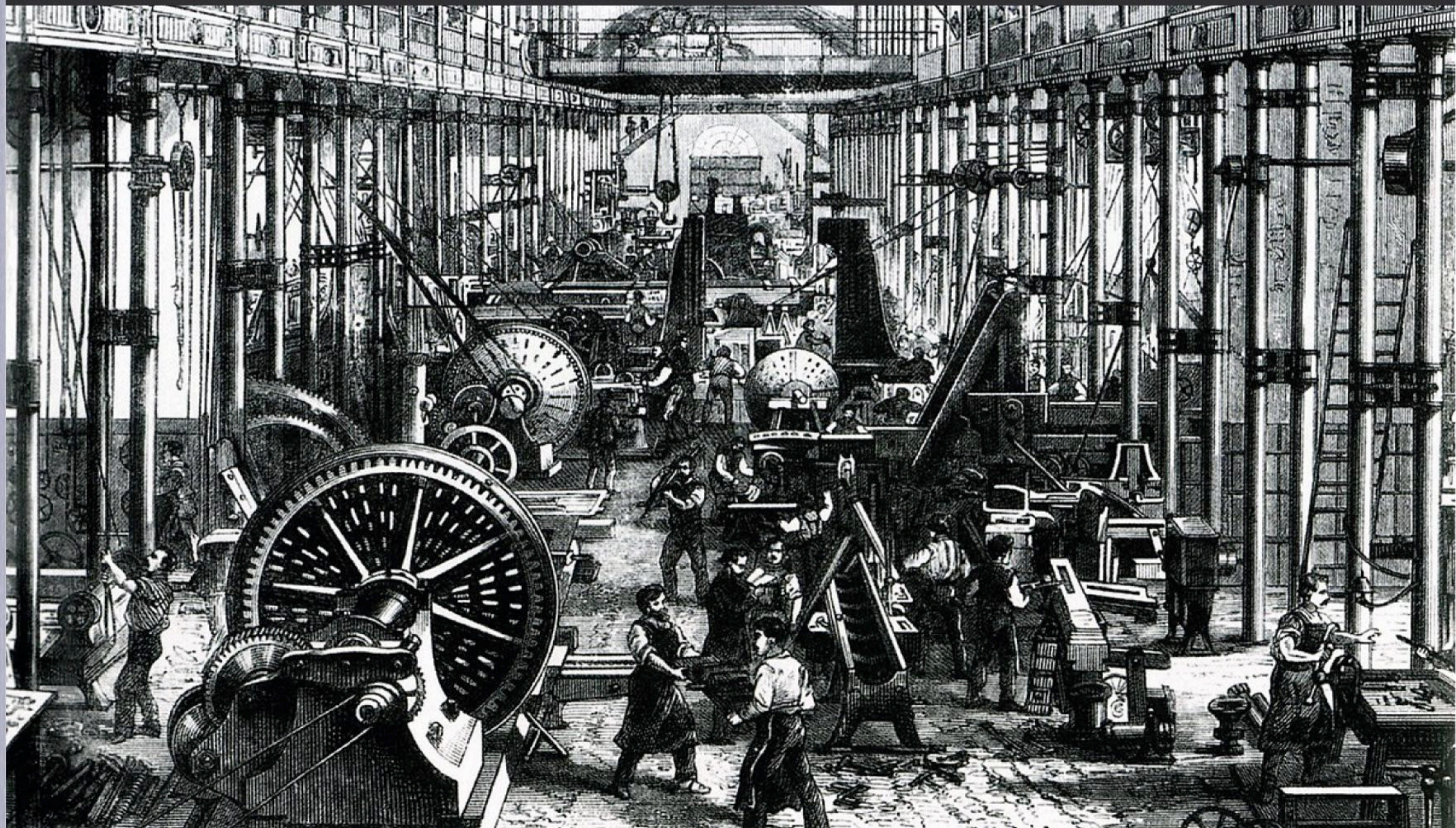
grande turbilhão na Holanda e na Inglaterra, continua seu curso, intensificando seu tom e velocidade ao receber outras características que lhe darão fluidez. Entre estes grandes tributários está o Estado-nação, a nova versão do estado tradicional, e sua indústria, a maior revolução econômica após a neolítica, que são fatores que aceleram e animam a civilização tradicional. Novamente surge a questão:

Onde está o capitalismo? Se encontra em que parte do Estado-Nação e da indústria?

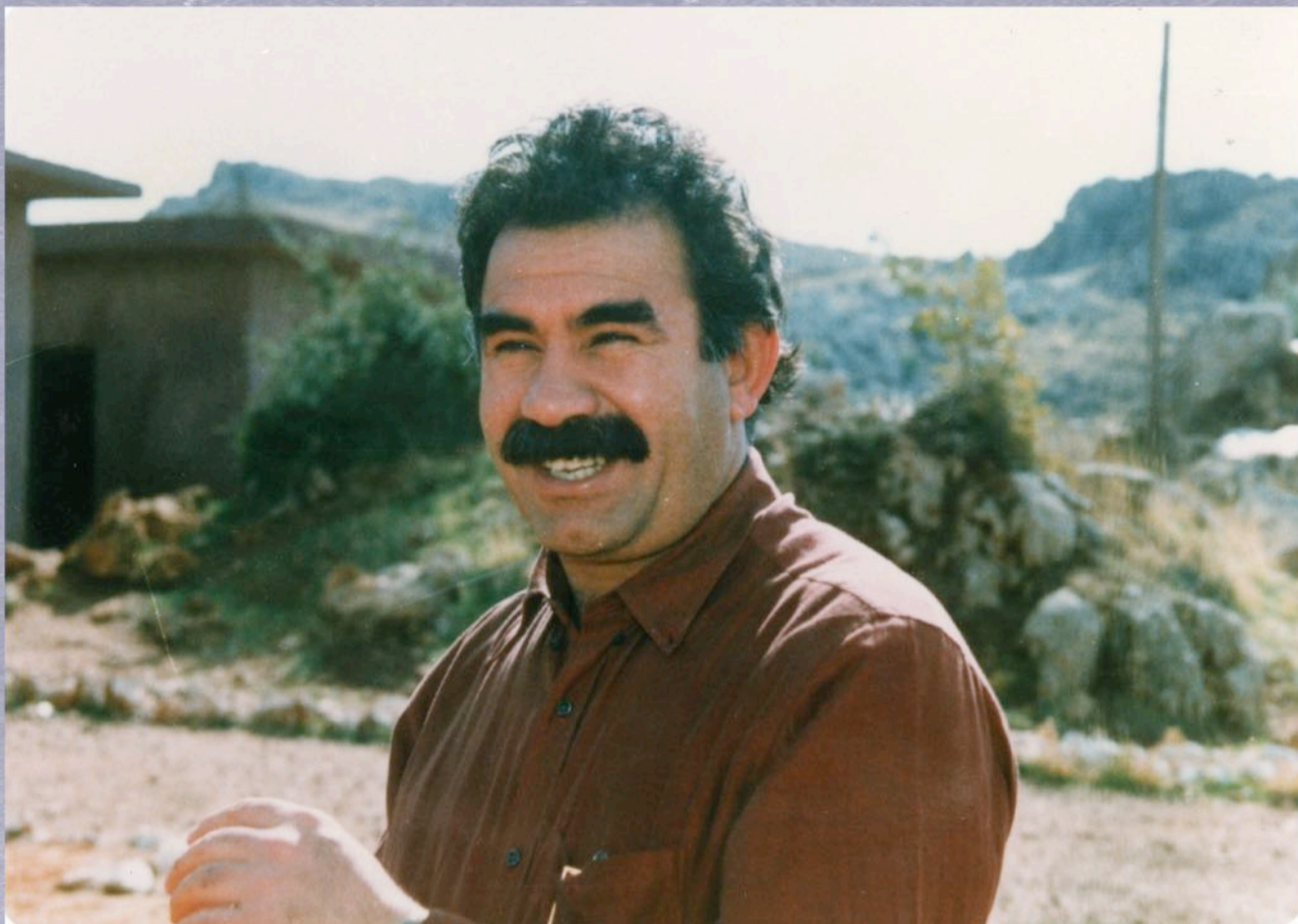
São perguntas de caráter econômico cujas respostas não encontro na economia. Pode parecer estranho, mas na minha perspectiva

De fato, devido seu papel na revolução agrícola e na coleta de alimentos durante milhões de anos, a mulher se mantém como eixo central não apenas das casas como de outros campos da vida. Os gregos, os que se consideravam os inventores da ciência, deram a economia o nome de “lei da casa”, a lei da mulher, supõe um reconhecimento de uma realidade que teria milhares de anos. Depois viriam, sem dúvida, os escravos, os servos e os trabalhadores obrigados a trabalhar sempre sob o controle das forças da civilização, continuamente utilizando métodos brutais para lhes arrancar o excedente e a mais-valia. E em terceiro lugar estão os artesãos, os pequenos comerciantes, feirantes, lavradores e pequenos proprietários agrícolas que são um pouco mais livres.

a verdadeira proprietária da economia é a mulher



Se somarmos a eles os profissionais liberais, como artistas, arquitetos, engenheiros, médicos, etc. Teremos praticamente completado o quadro. É indiscutível que foram estas classes e grupos sociais que fizeram girar a roda da economia ao longo da história: entre eles não há capitalistas, nem senhores, nem amos. Está nítido que estas não são forças econômicas mas usurpadores, exploradores, colonialistas... forças monopolistas que impõem desde fora a exploração, as invasões, o colonialismo e a assimilação do ser humano e de seu trabalho. O que se impõe desde fora não é somente economia, capitalistas, grandes comerciantes, industriários e banqueiros, mas também senhores, amos, políticos, militares e intelectuais partidários da civilização, que não são forças econômicas e que impõem a economia desde o exterior.



Abdullah Öcalan - A Civilização Capitalista. O capitalismo é poder, não economia





Perspectiva Internacionalista



Queridos companheiros e companheiras,

Mais de 30 anos depois da desintegração do sistema estatal do socialismo real, a luta pela reorganização da ordem mundial continua com ferocidade ininterrupta em todos os rincões do mundo. O sistema mundial capitalista através da direção de sua potência hegemônica central, os Estados Unidos da América (EUA), não conseguiu estabelecer uma ordem duradoura e estável no lugar da ordem mundial bipolar da Guerra Fria, pelo contrário: mantém a humanidade e o planeta prisioneiros de um regime de caos, guerra e destruição.

Rêber APO afirmava de forma muito apropriada, ainda nos anos 2000, de um “império do caos, que também podemos qualificar como uma terceira guerra mundial”.

Depois de mais de três décadas, é evidente que o projeto de uma ordem mundial unipolar, com os EUA como única e última potência mundial da história da humanidade, fracassou sem piedade. Hoje é preciso compreender que estamos diante de uma nova realidade geopolítica, uma ordem mundial multipolar, em que os novos adversários reivindicam um papel de protagonismo e um poder de configuração no sistema mundial. Cada vez está mais claro

que a reordenação do mundo está muito distante de sua forma conclusiva e, apesar da maior parte do planeta seguir sob domínio estadunidense, a sanguinária terceira guerra mundial é também, de qualquer maneira, a luta pela sobrevivência do império estadunidense. Novas potências estão entrando no cenário da história mundial – China, Rússia, Índia, Brasil e muitas outras – que já não estão dispostas à subordinação ao poder hegemônico e insistem em fazer valer seus próprios interesses e projetos geopolíticos.

É possível que o próprio bloco de poder ocidental siga apresentando uma imagem de união ao mundo exterior, mas sob a superfície da aliança transatlântica estão se gestando conflitos de interesses cada vez mais visíveis. No último ano, a Ucrânia, como pivô geopolítico e palco de uma das batalhas mais cruentas na disputa pela ordem mundial, esteve na mira da opinião pública. Se nos limitamos à produção incessante do maquinário propagandístico dos dois grupos em disputa, a impressão é que o futuro de todo o sistema depende do resultado da confrontação atual.

Evidentemente, o conflito entre o bloco de poder ocidental e a federação Russa adquiriram um novo arranjo com a guerra na Ucrânia, no entanto, a atenção dada a esta região não deve nos cegar frente ao fato de que a Ucrânia é apenas um dos muitos cenários da Terceira Guerra Mun-

dial em curso.

Tampouco se pode negar que a Terceira Guerra Mundial não começou no dia 24 de fevereiro de 2022 e que o Oriente Médio segue sendo o centro do conflito. Ademais, é o Oriente Próximo que está no centro dos conflitos mundiais como ponte geopolítico central entre Ásia, África e Europa.

Para o imperialismo, provavelmente não exista nenhuma região no mundo que tenha tanta importância estratégica como o Oriente Médio. Isso se explica, em parte, considerando que é um dos últimos territórios inexplorados onde ainda não penetraram os monopólios globais e consiste em um lugar de comunidades tradicionais e orientadas por seus próprios valores, cuja composição social e cultural se opõe ao individualismo burguês e aos absurdos da modernidade. Por essas razões, a região é objeto especial de desejo. A riqueza de recursos e a mão-de-obra potencialmente disponível e passível de exploração rentável, fazem com que o interesse dos monopólios gire em torno da interface crucial entre os continentes. Não apenas buscam desapropriar a terra, mas também invadir as mentes e corações das pessoas. A socialidade tradicional deve dar espaço à incultura capitalista para garantir uma ocupação duradoura e rentável da região.



Alexandre Magno e Napoleão já sabiam que quem pudesse controlar essa região controlaria o mundo e, por isso, o Oriente Médio e o Curdistão como seu coração, são hoje, mais uma vez, cenário das mais ferozes guerras imperialistas.

A guerra no século XXI é muito mais complexa do que se imagina. Ela ocorre em todas as dimensões em sem limites espaciais. Não é somente a guerra dos Estados entre si, é também a guerra do sistema capitalista contra as sociedades. Assim, já não é possível definir exatamente onde se situam as frentes de guerra, pois todos os lugares se convertem em cenários de enfrentamentos e ataques militares, econômicos, culturais e ideológicos. Réber APO escreve em seu livro Sociologia da Liberdade sobre o caráter global desta guerra: "O imperialismo e o colonialismo do século XXI já não atuam desde forças externas, senão no interior dos próprios países. Os colonizadores não são simplesmente estrangeiros, mas sócios. Não somente se globalizaram os monopólios de capital, mas também o poder e o Estado. Já não é possível distinguir entre o interior e o exterior do poder global. Nem sequer as filiações nacionais desempenham algum papel; todos são sócios. A distinção entre o militar, o econômico e o cultural também deixou de ter sentido. O idioma comum de todos é o inglês, sua cultura comum é anglo-saxã, sua organização militar é a OTAN, sua organização internacional é a ONU".

O conflito militar, econômico e político está alimentado por uma multitude de crises entrelaçadas e interdependentes. A catástrofe ecológica, a remoção e deslocamento forçado de milhões de pessoas e

os maiores movimentos migratórios de nossa época, as pandemias e a propagação de inúmeras enfermidades sistêmicas, o crescimento cancerígeno das megacidades modernas são só aspectos pontuais da crise estrutural do sistema civilizatório dominante. Os governantes estão respondendo com um regime cada vez mais global de estados de emergência e estão impondo um estado de sítio às sociedades. As bases naturais da vida humana estão sendo visivelmente destruídas. A água, a terra e o ar estão sendo envenenados. Os alimentos estão se tornando incomestíveis. Em benefício de poucos, os governantes conduzem a humanidade para o abismo. A natureza patológica de um sistema em que os privilégios prevalecem sobre a vida humana e a preservação de um ambiente digno de ser vivido não poderia aparecer de forma mais clara do que na questão de caráter existencial da catástrofe ecológica.

Nenhuma das potências dominantes deste mundo podem oferecer uma solução viável às crises globais de nosso tempo. Nem a Rússia, nem a China, nem nenhuma das novas potências emergentes representam uma alternativa real à modernidade capitalista, são apenas variações de um mesmo sistema. Representam a velha versão estado-nação-centralista da modernidade capitalista frente ao globalismo do capital financeiro mundial, sendo ambas duas faces da mesma moeda.

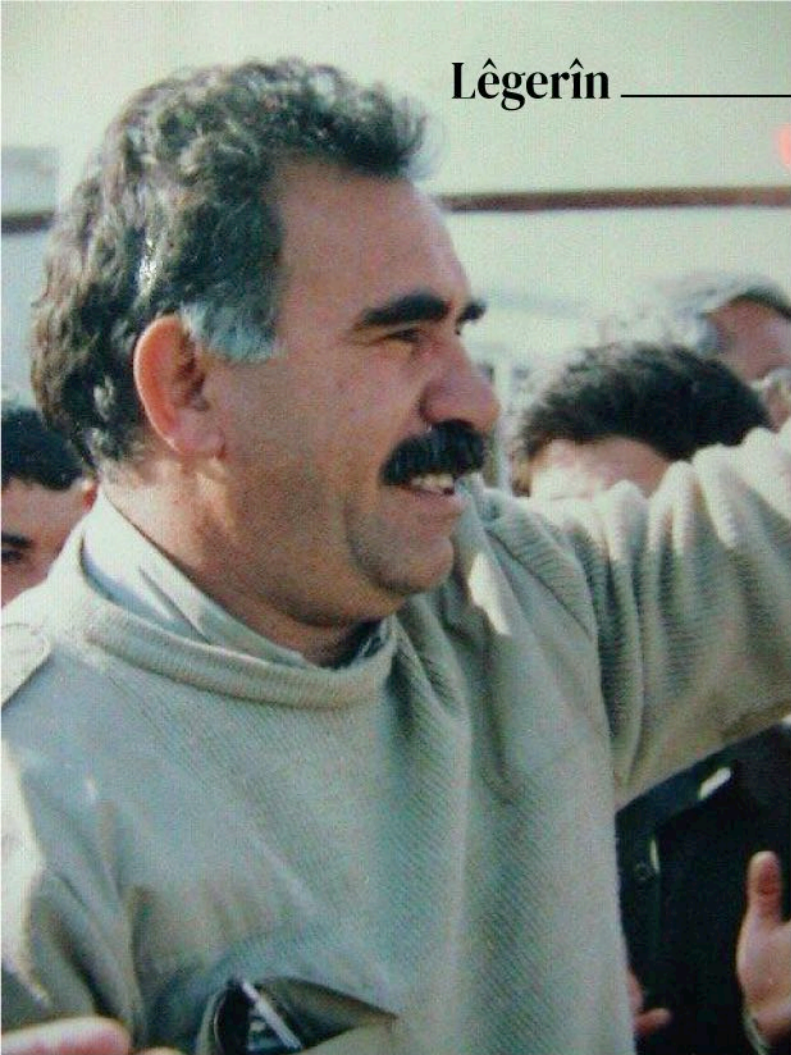
Somente as forças democráticas do mundo, como vanguarda combativa de suas sociedades, podem dar resposta às grandes questões de nosso tempo.

Enquanto as potências hegemônicas e os regimes regionais disputam a liderança da civilização dominante, os povos do Curdistão e do Oriente Próximo conseguiram afirmar suas próprias alternativas, para além da ditadura e da dominação estrangeira imperialista, e forjar seu próprio poder de forma autodeterminada fendas abertas pelas contradições dos poderosos entre si. Hoje, a revolução de Rojava e do nordeste da Síria e a heroica luta dos guerrilheiros nas montanhas do Curdistão se converteram em um farol de esperança que abre o caminho para os oprimidos, as mulheres, os jovens e os trabalhadores para saírem das trevas da modernidade capitalista. O fim da história é desnudado como uma mentira barata diante da alternativa real: uma vida livre de exploração e opressão, em harmonia com a sociedade a natureza, está viva neste momento no processo revolucionário.

A esperança em um mundo diferente e no poder de transformação crescem com cada vitória dos povos do Oriente Próximo. A revolução no Curdistão constitui uma prova prática de que, inclusive no século XXI, a revolução não é impossível, mas sim algo totalmente factível.

Em particular, o levante dos povos do Curdistão oriental e Irã, dirigido pelas mulheres e pela juventude, demonstrou mais uma vez o poder e a força que existe em todos os povos.

A revolução no Curdistão e sua vanguarda combativa, o movimento apoiista, é o maior obstáculo para os governantes deste mundo e para a realização de seus interesses.



Não é casualidade que os governantes do mundo, os Estados nacionais regionais e as superpotências imperialistas tenham se unido contra o Movimento pela Liberdade do Curdistão em uma aliança contrarrevolucionária.

A contínua conspiração internacional contra a liderança do Movimento pela Liberdade do Curdistão - Rêber APO e Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), costurada desde os anos 90 do século passado, é talvez a expressão mais clara dessa realidade. Desde a Rússia até os Estados Unidos, passando por Turquia, Síria, os Estados da União Europeia e suas potências reacionárias do Oriente Próximo e África, o inimigo reuniu os sócios mais contraditórios. Todos eles fazem parte de um movimento de aniquilação contra a revolução no Curdistão e no Oriente Médio, planejado há muito tempo e meticulosamente preparado, que culminou com o sequestro criminoso e o encarceramento da direção revolucionária do Movimento pela Liberdade em 1999 e continua atualmente nas guerras de agressão do fascismo turco, coordenadas e apoiadas internacionalmente por seus capangas.

Seria um erro estratégico entender apenas como obra do regime de Erdogan os seguintes fatos: 1) ataques dos invasores fascistas contra Afrin, Girespi e Serekaniye em Rojava; 2) as operações de ocupação do exército turco e seus colaboradores no Curdistão do Sul, desde Xakurke até Hef-tanin; ainda este ano, os ataques contras as zonas guerrilheiras liberadas em Gare, Zap, Metina e Avasin. Os ataques turcos não apenas contam com apoio diplomático, econômico e militar do imperialismo. Estes ataques ocorrem sob a direção e pressão diretamente exercidas pelas diversas potências hegemônicas capitalistas, primeiramente dos EUA e da maior aliança contrarrevolucionária existente na atualidade, a OTAN. A guerra contra o Mo-

vimento pela Liberdade é internacional e, enquanto tal, deve ser respondida globalmente.

O sistema de isolamento e tortura de Imrali está no centro do conceito de extermínio contra o movimento apoísta. O fato de que não recebemos nenhum sinal de vida de Rêber APO há 24 meses e que o inimigo segue o mantendo em isolamento hermeticamente, demonstra como é grande o seu medo em relação ao pensamento e às palavras de Rêber APO. Como o isolamento, tentam obstruir a orientação do nosso movimento nessa fase crítica e nos tornar inseguros. Devemos ser sempre conscientes de que o sistema de Imrali está sujeito a um sistema internacional, que foi co-criado primeiramente pelos Estados Europeus e que seguirá existindo. Como o próprio Rêber APO escreveu sobre o sistema Imrali, o Estado Turco não é nada mais do que um carcereiro.

Portanto, a luta pela liberdade física de Rêber APO também deve ocupar sempre uma posição central em nosso trabalho internacionalista. Não somente deve ser nossa preocupação central ajudar ao criador e arquiteto de nosso paradigma e filosofia de vida para condições de trabalho humanas e livres; mas também porque a realidade atual do sistema mundial existente e o "direito internacional" e suas instituições internacionais, dificilmente pode ser exposta de melhor maneira do que através do exemplo do isolamento de Rêber APO e da tentativa de suprimir sua pessoa e seus pensamentos por completo da consciência das sociedades.

O ano de 2023 será um ano repleto de enormes potencialidades assim como de profundos perigos para o nosso movimento em todos os aspectos. É um ano no fio da navalha, em que, ao mesmo tempo, a vitória e a derrota estão cada vez mais próximas.

Na luta contra o fascismo turco, a luta alcançará outro patamar neste ano. O fascismo humilhado, depois de sua derrota para as guerrilhas e a retirada de soldados ocupantes de grandes partes das Montanhas de Zap no final do ano passado, está preparando avançar novamente durante a primavera. Para o regime do AKP-MHP, os próximos meses são extremamente cruciais. As eleições, que agora foram adiantadas para maio de 2023, se converteram em um ponto de cristalização crucial para a luta antifascista na Turquia e

no Curdistão. É mais do que provável que o inimigo irá fazer tudo o que está em suas mãos para obter êxitos militares por meio das eleições. Uma ofensiva sobre Rojava é tão provável como outra invasão em maior escala nas montanhas do sul do Curdistão. Enquanto o Supremo Tribunal Turco segue trabalhando para proibir o acesso do Partido Democrático dos Povos (HDP) na arena política antes das eleições, os preparativos para uma nova escalada militar estão em seu apogeu. Com o terrível terremoto que assolou amplas zonas do Curdistão setentrional, o Curdistão ocidental e a Síria, o fascismo turco voltou a mostrar sua horrenda face à opinião pública. O regime ditatorial de Erdogan e seu bando não só queimaram todos os fundos públicos para manter sua máquina de guerra, incapaz de satisfazer sequer as necessidades mais básicas da população, como também impediram ativamente qualquer forma de trabalho auto-organizado de entrega de apoio e recuperação aos atingidos pelo terremoto, prendendo às equipes de resgate e permitindo conscientemente que milhares de pessoas perecessem embaixo dos escombros.

O brutal estremecimento do terremoto não é somente resultado de uma catástrofe natural, mas sobretudo o resultado de uma política assassina e genocida, que até hoje nega o direito à vida do povo Curdo.

Está claro que a fase vindoura trará grandes convulsões históricas, mas como será a saída do caos depende também decisivamente de nossa força coletiva, de nossas decisões e nossas ações. O revolucionário e líder da Revolução de Outubro, Vladimir Ilich Lenin, era muito consciente da importância do momento adequado quando observou que:

“há décadas em que nada acontece, mas há semanas em que décadas acontecem”



Especialmente agora, é ainda mais importante avaliarmos corretamente a fase política atual, determinarmos a direção do movimento dos processos políticos e atuarmos de acordo com as necessidades e requisitos desta fase que vivemos atualmente. Há momentos históricos especiais em que se decide o destino de toda uma época - o tempo

que estamos vivendo é um deles. O que nos é exigido não é nada mais do que decidir se queremos ser objetos ou sujeitos da história, se deixaremos que a história passe por nós de forma indiferente ou se iremos intervir ativamente em seu curso. Corresponde a nós decidirmos se, na fase final da Terceira Guerra Mundial se abrirá ou não uma perspectiva de libertação, como ocorreu no final da primeira grande guerra de divisão do mundo com a Revolução de Outubro.

Levando em consideração a realidade de nosso mundo, não temos tempo a perder. Somente com uma organização global de luta por outro mundo poderemos dar resposta às grandes questões do nosso tempo.

Mais do que nunca, é necessário que nossa geração tome uma decisão clara, se comprometa com a luta e forge a unidade. A fase em que nos encontramos requer coragem, força, disciplina e iniciativa. O movimento da juventude aposta internacional deve avançar sem medo ao que possa acontecer sem olhar para trás.

Chegamos em um ponto da história e de nossas vidas em que já não há nada a perder. Ou recuperamos o nosso mundo, ou teremos de assistir como os governantes o destroçam.

Com o espírito do grande comandante da resistência da cidade de Sur em 2016, Şehid Çiyager Hevî, também queremos dizer:

**“Seja o que acontecer, o final será espetacular!”
Libertar a vida ou nada!**



O caminho para a liberdade depois de despertar do pesadelo

Jin, Jiyan, Azadî é o chamado para uma nova sociedade, para uma nova vida e uma verdadeira liberdade que se constrói com a liderança das mulheres.





Queridas companheiras,

Rêber APO uma vez afirmou, no início da década de 2000, que o século XXI seria o ano da revolução das mulheres. Esta afirmação se deu em uma época em que os movimentos de mulheres e o feminismo se fragmentavam cada vez mais e se moviam em direções ideológicas liberais. Esta previsão soou ousada em um primeiro momento. O tempo passou e o câncer do patriarcado que infesta a Mãe Terra seguiu se estendendo e adotando novas e terríveis formas: a tecnologia; maior destruição do meio ambiente; o surgimento de novos fascismos; o terror dos fundamentalismos religiosos. Tudo isso são consequências do pensamento dominante masculino. Entretanto, provavelmente o germe mais perigoso deste câncer, que envenenou lentamente as lutas das mulheres radicais no século XX e cria a figura da mulher moderna e sistêmica como alternativa à mulher revolucionária, é o liberalismo.

O movimento de libertação curdo também atravessou uma fase difícil no início da década de 2000. Rêber APO, que sempre esteve ao lado das mulheres do movimento, foi capturado. Isto causou uma dor inimaginável entre as mulheres na época. Houve crise e caos nas fileiras de mulheres curdas que acabavam de conhecer a fragrância da liberdade. As tentativas de liberalização do movimento por parte das forças estatais se encontraram com a corajosa resistência das mulheres no Curdistão. A organização feminina se fortaleceu e desde Şengal até Rojava, mulheres de diferentes etnias começaram a se libertar das correntes do patriarcado

A jineolojî que Rêber APO propôs para as mulheres tomou forma em seu livro escrito na prisão, "Sociologia da Liberdade", e o movimento de mulheres curdas se converteu em um modelo para todas as mulheres do mundo. No entanto, sobretudo nos últimos anos, foi possível perceber por que Rêber APO batizou este século como o século da revolução das mulheres. Observemos as lutas no Chile, Afeganistão e Polônia até o Irã, Turquia e Curdistão:

Em todas as partes, as mulheres estão despertando de um sonho em que o patriarcado às estremeciam com os meios mais diversos.

O fato de que as mulheres curdas em particular - que desempenham um papel de vanguarda na revolução - sejam as mais atacadas pelo sistema, demonstra até ponto o patriarcado sente pânico. Por mais que o sistema governante queira nos fazer acreditar no contrário, nunca existiu um sistema governante que de fato durou. Antes da difusão do cristianismo, qual romano orgulhoso poderia acreditar na desaparecimento dos poderosos antigos deuses?

A estratégia mais enganosa dos sistemas dominantes é que se apresentam como invencíveis para cortar na raiz as resistências que se contrapõe a estes sistemas, ou seja, a esperança de uma nova vida.

Assim, o sistema capitalista atual também se apresenta como o único sistema verdadeiro cuja derrocada resulta aparentemente impossível. Se apresenta como um deus todo-poderoso ao qual a sociedade deve se submeter, quer queira quer não. Porém, as crises e as catástrofes demonstram que o sistema está em seus últimos suspiros. Um sistema que explora e destrói sua própria base, ou seja, a natureza e a sociedade, não pode se sustentar a longo prazo. Como as mulheres são as que mais sofrem os ataques do sistema, são as que mais compreender a verdade do sistema. Por isso, as mulheres hoje se rebelam contra o sistema patriarcal de dominação em seus lares, nas ruas e em todo o mundo.

Um sistema que esquarteja o corpo, a identidade e a coesão das mulheres como um açougueiro esquarteja um animal é algo que as mulheres pouco a pouco se recusam a aceitar. Atualmente, quando as mulheres enfrentam a verdade, percebem que o sistema não tem nada a oferecer porque o sistema esvazia a mulher de todo o seu significado: a retrata como algo débil, indesejável, a desqualifica. Porém, por essa mesma razão a luta das mulheres é a mais decidida. Quando desmascaram as mentiras do sistema, quando percebem que desejam viver uma vida digna e livre, já não há mais alternativa senão se conectar com sua própria natureza. Através dos caminhos, a mulher arrasta consigo toda a sociedade e se converte na força mais forte de resistência contra o sistema.

Lêgerin

A morte de Jina Emini, que provocou uma insurreição no Curdistão oriental e Irã, é o melhor exemplo destes fatos. Jovens, homens e mulheres sacrificaram suas vidas no levante contra o regime. O lema Jin, Jiyan, Azadî (Mulher, Vida, Liberdade) voltou a honrar seu significado com a aparição deste espírito coletivo de luta.

Jin, Jiyan, Azadî é o chamado para uma nova sociedade, para uma nova vida e uma verdadeira liberdade que se constrói com a liderança das mulheres.



Queridas companheiras,

A busca por uma vida livre tem uma larga tradição nestas terras, incluindo as primeiras células vivas que se desenvolveram na terra tinham em seu interior o impulso da multiplicação, de se estenderem e evoluírem. Na verdade, a luta pela vida se confunde com a luta pela liberdade.

Uma forma de vida que não é combativa e que não tenha como meta a liberdade não poderá se difundir e desenvolver.

Essa luta é incessante. Imaginemos uma árvore cujas ramas já não crescem para cima com todas suas forças para sentir os raios mais calorosos do sol nas suas folhas para ganhar energia. A necessidade de crescer sem parar, este desejo de calor e luz, exige uma luta que esta árvore libera de forma totalmente natural e com todas as suas forças. Mesmo as árvores que caem estendem seus verdes desabrochares para cima, com a esperança de uma nova vida.

Se como seres humanos sentimos nosso interior, sentiremos também este impulso de crescimento e esse espírito de luta incondicional.

Assim como a natureza de uma árvore é não cansar de crescer, a natureza de um ser humano é estar em uma luta constante para conseguir mais luz e calor neste mundo. É um princípio básico da vida: crescer sempre para além de si mesmo. Especialmente a nós, como revolucionários, que nos consideramos defensores da vida, é relevante sentir esse instinto

primário em nosso interior e, portanto, nunca abandonar a luta, sob nenhuma circunstância.

Renunciar a luta é como renunciar ao ser humano.

Manter-se preso no mesmo lugar e não avançar passos corajosos não corresponde à essência do ser-humano. Com a confiança adequada na natureza e na revolução pela liberdade, que sempre defende os valores da sociedade natural, nós também encontraremos o caminho de volta para o nosso ser e para nos separarmos das influências confusas que querem impor limites aos nossos sonhos e perspectivas de uma vida livre. Aqueles que querem nos dizer que devemos crescer somente até certo ponto e logo parar até que se aproxime a nossa morte no enganam. Para crescer para cima e sentir os raios de sol no rosto, precisamos de uma força organizada. Uma força que buscamos desde nossas raízes.

Quem sou eu? De onde venho? Como quero viver?

Como em uma floresta, todos somos árvores diferentes, mas nossas raízes estão entrelaçadas. A luta para alcançar a luz não é uma competição, mas sim a necessidade de um equilíbrio que, por um lado, desafie a todos nós e, ao mesmo tempo, nos faça avançar coletivamente. Não precisamos nos basear em moldes alheios, nos erguemos mais exaltados sobre nossas próprias raízes com nossos camaradas ao nosso lado.



Queridas companheiras,

Ainda que estejamos em um período de esperança, reconstrução e criação de redes mundiais de luta das mulheres revolucionárias, também sofremos grandes perdas que ainda nos machucam. Heval Evîn Goyî, que era um grande modelo para todas as pessoas amantes da liberdade, foi assassinada em Paris no dia 23/12/2022 junto com outros dois companheiros. Desde os anos 90, quando lutava junto com Şehîd Ronahî (Andrea Wolf), tinha uma forte perspectiva de unidade das mulheres e de todos os povos. Da mesma forma, a conspiração contra Rêber APO, que completa 24 anos no dia 15/02/2023, segue doendo. Não é casualidade que exatamente na época do levante internacional das mulheres, pela primeira vez, nenhuma informação de Imrali chega ao exterior durante tanto tempo.

O sistema fascista teme tanto a perspectiva de Rêber APO, que o expõe ao isolamento total, pois as suas palavras são como gasolina no fogo da liberdade das mulheres que lutam.

Se desesperar agora não corresponde ao espírito da revolução das mulheres. Estamos ainda mais decididas neste momento a nos unirmos ao espírito de Heval Evîn e avançar com uma grande força de vontade, sonhos inquebrantáveis e sempre nos questionando, como descrevem as zapatistas.

O meio mais forte para superar as doenças do sistema é reconstruir a coletividade em nossas lutas.

Se sentimos a dor e raiva da perda de Heval Evîn ou do encarceramento de Rêber APO, seremos capazes de deflagrar lutas adequadas para a situação. Se conseguimos superar as fronteiras, preconceitos e contradições e lutamos com uma perspectiva cooperativa faremos com que todas as tentativas do sistema de nos desmembrar resulte em nada.



Queridas companheiras,

Şehîd Sara Dorşîn (Sarah Handelman) disse uma vez:

Nunca entendi o que significava a verdadeira Hevaltî. Quando cheguei nas montanhas livres do Curdistão, caminhei pelas montanhas com as companheiras.

Automaticamente, segui exatamente os passos das companheiras. Foi aí que me dei conta do que significa a verdadeira Hevaltî".

Milhares de pessoas antes de nós não podiam aceitar a opressão e a violência que sofriam e se rebelaram contra elas. No movimento pela liberdade, as lutas dos Şehîds nos mostra a atitude que também devemos ter para superar todos os medos, dúvidas e dificuldades. Se começarmos a confiar na herança que o movimento pela liberdade deixou até o presente momento, ela crescerá de forma natural em seu interior. Com esta confiança, nós também seguiremos automaticamente os passos de nossos companheiros e avançaremos passo a passo para o nosso objetivo de libertar a Mãe Terra de suas correntes e construir uma nova sociedade.



O velho mundo está agonizando, o novo ainda está por nascer



A Crise Quantas vezes ouvimos que enfrentamos a uma nova crise, a crise ecológica, a crise do petróleo, a crise energética, mais uma crise econômica. Parece que a cada ano enfrentamos novas crises e os políticos se preocupam em como agir. Mas se o sistema em que vivemos desliza de crise em crise,

como não cai?

Por que está em crise contínua?

Como a crise evoluirá se estamos simplesmente a sua mercê?

A própria modernidade capitalista deve ser descrita como crise, e esta semelhança com a crise se manifesta de duas maneiras. Em primeiro lugar, o sistema da modernidade capitalista se baseia na exploração tanto da sociedade como da natureza. Frente a essa exploração constante, leva estas zonas a uma crise permanente e não pode evitar a manutenção e ampliação constante dessa exploração. Sem a crise que a modernidade capitalista provoca na sociedade e na natureza, não pode sobre viver, no momento em que deixar de explorar a sociedade e a natureza, colapsaria. As crises desencadeadas por essa exploração podem ser vistas com mais força que nunca e adotam diversas formas.



As crises da sociedade vão desde perda de valores comunitários, passando pelo isolamento, a depressão e o suicídio, até os feminicídios massivos que estamos vendo em todo o mundo.

Enquanto esta crise é negada com veemência e ignorado mesmo pelo sistema estatal, a crise ecológica já não pode ser ignorada hoje em dia, nem mesmo pelos que a provocaram. Desde o buraco na camada de ozônio até a exploração da concentração de CO₂ na atmosfera, passando pelos onipresentes e imprevisíveis microplásticos.

A crise ecológica provocada pela modernidade capitalista, assim como a crise social, nos leva à beira da morte social em um mundo dominado pela morte biológica de plantas, animais e seres humanos.

Além das crises que a modernidade capitalista precisa para se sustentar, o próprio sistema não deixa de entrar em crises internas.

A modernidade capitalista e seus componentes individuais, ainda que formem parte do mesmo sistema e trabalhem juntos para explorar e opri-

mir, não estão em uma relação harmoniosa entre si e também estão em relações contraditórias entre si. O que os une é a busca comum por poder e influência, mas sua busca também está necessariamente limitada pelo ponto em que se encontra com a busca de poder e influência de outros atores.

Um exemplo muito nítido deste aspecto pode ser visto no que provavelmente seja a mais atual das crises: a guerra na Ucrânia. Todos os atores desta guerra são parte da modernidade capitalista, seja a Federação Russa, o Estado ucraniano, a União Europeia e seus estados-membros, e a OTAN e seus membros. Todos têm em comum a busca por poder e influência, e todos têm em comum a destruição e exploração da sociedade e da natureza para alcançar este objetivo. Talvez seu foco seja diferente de um ator ou outro, mas o princípio básico é o mesmo. E ainda que estes atores tenham os mesmos interesses básicos, atualmente estão em guerra entre si. Isto se dá precisamente pois seus interesses se contradizem no momento em que não podem ampliar mais seu poder e influência, pois com ele recortariam a influência e o poder de outro ator.

Acontecem coisas semelhantes na economia capitalista e em outros âmbitos do sistema. Apesar dos interesses serem fundamentalmente iguais, o conflito e a crise estão pré-programados, o sistema é intrinsecamente inarmônico.

Entretanto, isso não quer dizer que estas crises derivadas da competição sejam necessariamente desvantajosas para os agentes individuais. Estas crises são para eles individualmente, mas também para a própria modernidade capitalista, uma época de mudança e também de renovação e adaptação. Não temos motivos para considerar o capitalismo como sendo propenso a crises e, portanto, frágil, como tem sido frequentemente o caso no passado;

o capitalismo conseguiu adaptar-se e transformar-se precisamente através dessas crises e assim sobreviver até os dias atuais e continuar a ampliar e aprofundar sua exploração da sociedade e da natureza.

A crise atual é também, como podemos observar, um momento em que mudanças massivas estão sendo produzidas e sendo impostas pelos estados capitalistas. Na União Europeia, e especialmente na Alemanha, podemos observar um rápido crescimento de um militarismo que é apoiado e promovido por todos os partidos burgueses, que seria impossível de tomar esta forma há alguns anos, ou seja, antes da crise atual. Os Estados aproveitam a crise para pôr a sociedade em estado de emergência e assim aplicar reformas nitidamente contrárias aos interesses da população. Este conceito já foi estabelecido e aplicado por pensadores neoliberais da Escola de Chicago como Milton Friedman. Advogam por intervir precisamente nestas

zonas ou países após catástrofes naturais ou crises políticas que afetam setores amplos da sociedade e impor liberalizações radicais no setor econômico. Provavelmente o exemplo mais conhecido foi o golpe de 1973 contra o presidente socialista Allende, no Chile, após o qual se impôs uma política de liberalização da economia ao mesmo tempo da brutal repressão do regime de Pinochet contra amplos setores da sociedade, cujas consequências seguem marcando profundamente o país atualmente.

Milton Friedman e seus colegas reconheceram o que os governos também têm reconhecido: Em uma crise e em um estado de emergência artificial, uma sociedade insuficientemente organizada perde qualquer forma de autodefesa, por menor que seja.

Mas a história também nos ensina que a crise não tem porquê ser um momento em que a sociedade esteja indefesa frente aos Estados. Aqui há dois exemplos. Em 1917, o Império czarista russo estava afundado em uma crise profunda, desencadeada pela Primeira Guerra Mundial, resultado das ambições expansionistas de várias potências europeias. Entretanto, durante este período também houve um movimento que foi capaz de organizar a sociedade e assim aproveitar este estado de transformação, competição e conflito entre Estados e, com a Revolução de Outubro, libertar a sociedade do czar e da guerra ao mesmo tempo. A situação na Síria em 2012 pode ser entendida de maneira similar. O regime de Assad está em crise e quer manter em pé o velho sistema de poder, enquanto as milícias islamistas financiadas pelos Estados Unidos tentam controlar a Síria. Também neste momento, com o movimento curdo pela liberdade, há uma força capaz de utilizar esta ruptura entre os sistemas, este momento de crise e transformação, e expulsar tanto as milícias islamistas como ao regime sírio das zonas curdas. Este é o começo da revolução que podemos ver até hoje em Rojava e todo nordeste da Síria.



Assim, as crises do sistema devem ser vistas por nós, como movimento revolucionário, não simplesmente como movimentos de transformação da modernidade capitalista, mas ao mesmo tempo como um momento em que muito poucas coisas são certas, exceto a mudança.

Esta mudança pode ser negativa e conduzir a um fortalecimento da modernidade capitalista, o que significa um fortalecimento da exploração da sociedade e da natureza, ou pode ser positivo e ser um ponto de partida até a libertação da opressão e exploração.

Entretanto, para que isso aconteça, estes momentos devem ser identificados e aproveitados com precisão.



A Face Oculta do Capitalismo

Fascismo, paramilitarismo e contrainsurgência.





Desde que o capitalismo assumiu o liberalismo como ideologia (em seus princípios) vemos que, como diz Réber APO, gradualmente desenvolveram-se ferramentas de soft power muito sofisticadas.

Estas ferramentas possibilitam um controle da sociedade, muito mais profundo e muito mais sutil que seria possível com as formas de poder explícitas. Ou seja, falamos de um controle implícito que se organiza sob uma falsa máscara de democracia. Para entender isso é necessário mencionar como se dá a guerra por métodos não convencionais, também conhecida como "Guerra especial". Mas esse não é o assunto no qual queremos focar neste artigo. Falaremos principalmente sobre como o fascismo, entre outros, é usado como método de contrainsurgência, como força de choque, quando este soft power não é suficiente para controlar a população. Vamos expor alguns exemplos atuais e históricos para ajudar a detectar sua presença e como conclusão nos centraremos nas questões da organização e da autodefesa essencial como forma de resistência a esses métodos.

Antes de entrar no tema, é importante dizer que o capitalismo não é simplesmente um sistema econômico mas um sistema de domínio baseado no monopólio do capital e

a acumulação de poder. Com esta definição não caímos na redução absurda que pode ter consequências fatais, especialmente em sua expressão prática. Definindo assim o sistema capitalista nos damos conta de que seu objetivo não é simplesmente econômico. Ou seja, que não ocupa territórios unicamente para aproveitar-se e extrair recursos (mas também) com o objetivo de fortalecer e desenvolver seu poder acumulado, monopolizar o poder em todo o globo, única forma que tem de satisfazer sua incessante necessidade de crescimento.

Assim o sistema capitalista, com sua vanguarda nos Estados Unidos da América e grande parte de sua força ideológica e material também na Europa e Reino Unido, usará todos os métodos ao seu alcance para satisfazer essa sua necessidade.

Os métodos que usará vão desde a televisão e dos meios digitais como Instagram e TikTok até as universidades utilizadas como templos de monopólio do saber e espaços de produção de "Verdades" úteis ao sistema.

Históricamente a contrainsurgência é uma das garantias da imposição dos Estados Unidos como vanguarda da Modernidade Capitalista, ou seja, este método se desenvolveu em especial junto da liderança global dos EUA após a Segunda Guerra Mundial, estritamente relacionado com a criação da OTAN em 1949.

Desde este momento a estratégia dos Estados Unidos em sua expansão global tem se centrado na eliminação de movimentos de resistência nos lugares que queira controlar, incluindo também seu próprio território nacional e nos países aliados (por exemplo, a atual União Europeia) para aprofundar e assegurar seu controle.

A contrainsurgência é conhecida nos países da América Latina, com o uso de grupos paramilitares armados e treinados pelos EUA, assim como o desenvolvimento dos cartéis para aterrorizar a população e controlar, com força bruta, territórios aos quais o Estado não chega. Obviamente, tudo isso vinculado ao tráfico de drogas em todas as escalas, assim como o tráfico de pessoas, órgão, etc., métodos utilizados para produzir pânico na população e mostrar o estado como única alternativa a barbárie. No nível prático, não existe grande diferença entre estas organizações e outras como por exemplo o Estado Islâmico, organização usada com a mesma finalidade no Oriente Médio.

Se olharmos a situação da Colômbia, Venezuela ou da República Centroafricana do Congo vemos muita diferença em como organizações armadas dedicadas a negócios antiéticos trabalham para satisfazer os interesses dos EUA; das multinacionais europeias e do Norte Global. No Oriente Médio, veremos muito mais claramente que o lema central, para além dos recursos econômicos, é o poder. Caso se tratasse somente de recursos econômicos, não valeria à pena para a Turquia; marionete controlada pela OTAN com intervenções da Rússia; gastar os milhões que já gastou em sua guerra contra o PKK e a revolução no Curdistão. Ao invés disso, têm usado o estado Islâmico como força de choque para cometer os mais graves crimes contra a humanidade de forma impune, produzir medo nos corações da população de forma que a opção revolucionária não fosse mais uma via possível na cabeça dos povos do Oriente Médio (ou ao menos, assim se imaginava desde os despachos de Bruxelas). Vendo que essa estratégia estava dando resultados contrários a causa da feroz defesa que os curdos



e as curdas faziam de Kobane, Shengal, e outras áreas, foi preciso elaborar uma grande mudança de estratégia. Hoje, todavia nos encontramos neste processo de re-organização da política externa dos EUA, especialmente sua política no Oriente Médio.

A saída do Afeganistão assim como a permissão de vácuos de poder que vinham sendo ocupados pela Rússia e China não são mais que efeitos de uma nova estratégia ianque. A suposta multipolaridade do mundo é uma consequência controlada da estratégia dos EUA. E, de forma muito inteligente, vem sendo utilizada para enganar aos povo do mundo. É em nome da criação de um multipolar que Venezuela e Cuba colaboram com Irã e Turquia. Ou seja, os EUA conseguiram o que 40 anos de Guerra Fria não conseguiram: criar uma opção anti-ideológica.

Os fundamentos ideológicos expostos por Lenin em seu livro "Imperialismo, fase superior do capitalismo" já não são respeitados pelos supostos marxistas ou "socialistas do século XXI", que se aliam com os regimes mais autoritários do Oriente Médio simplesmente por oposição a um inimigo comum. Os efeitos da contrainsurgência são vistos claramente no mapa geopolítico.

Esta é a grande vitória da Modernidade Capitalista: fazer crer que existe uma oposição forte que entra, de fato, nos cálculos e limites estabelecidos pelo sistema capitalista.

Mas olhando para outras partes do mundo, como Europa, vemos que esta forma de controle social se desenvolve de forma muito mais implícita.

Teoricamente a Europa superou as guerras (a Ucrânia não é exceção, segue sem ser Alemanha ou França). Teoricamente, a Europa superou o fascismo (ainda que se olharmos para o Leste Europeu encontraremos regimes claramente fascistas). Mas desde os anos de chumbo, os anos 70-80, podemos ver como a Europa não se desfez de suas estruturas de "Estado profundo" ou "Estado dentro do Estado".

Obviamente depois da pacificação, que chegou ao seu auge com o cessar-fogo do ETA em 2008, a Europa moderna, do século XXI, nunca desmantelou tais estruturas. Em parte por que não dependem dos Estados, nem sequer da União Europeia, estamos falando das forças da GLADIO, ou seja, da OTAN. Em partes têm dado outras formas a estas estruturas de contrainsurgência e tem

às mantido em stand by até que se façam necessárias. O desenvolvimento de governos fascistas no coração da Europa e o crescimento absoluto de movimentos da direita radical não são espontâneos ou casuais. Mostram a preparação de anos e anos, mostram como silenciaram os espanhóis do GAL (Grupo Armado de Libertación, força armada que se dedicava ao sequestro e assassinato de figuras proeminentes da Esquerda Revolucionária especialmente no País Basco) ou outras organizações armadas da extrema direita, tão ativas na Itália, Espanha, França e até hoje tão presentes na Alemanha e Reino Unido. Georgia Meloni, presidenta da Itália, não chega ao poder ao acaso. O mesmo pode ser dito sobre Boris Jhonson ou Donal Trump. Os distúrbios do capitólio em 2021 não foram fruto da raiva espontânea da cidadania estadonidense, tão pouco foi o caso de sua cópia há poucos meses atrás no Brasil.

Estes movimentos são potencializados pela Internet e televisão.

Hoje, nos países onde o pós-modernismo é mais avançado, se quer faz falta uma forma organizada de massa para gerar instabilidade. Milhares de fóruns de internet, contas de Instagram, Facebook, Tiktok, Twitter, inclusive sem que nos demos conta do que são,





servem como maquinário de antri-propaganda, difundindo teorias conspiratórias que legitimam discursos da ultra direita, abrindo assim as portas para a radicalização de grande parte da população. O conteúdo vem classificado de acordo com a idade e os gostos do usuário, com uma polpitica específica para a juventude, para a mulher, e para o homem branco de meia idade. O nível de trabalho sistemático nesse sentido é quase assustador.

Obviamente esta realidade criada no mundo virtual irá se refletir na realidade material. Organizações como Hogar Social Madrid e seus sucessores, Bastión Frontal, na Espanha; Golden Dawn na Grécia ou Casa Pound na Itália são frutos disso. E servem absolutamente como forças de choque. Organizações altamente masculinizadas e violentas que roubaram espaços de resistência fazendo "distribuições de alimentos somente para os moradores locais" ou com violência física dirigida contra militantes e figuras de destaque da esquerda. Nos anos 90 em Valência assassinaram a Guillem Agulló. A pessoa que o assassinou, como se descobriu mais tarde, militava em um grupo fascista em contato direto com o estado espanhol. Exemplo nítido de até onde pode chegar esta contrainsurgência. Identificar o fascismo quando ele surge, exige uma definição correta. Fascismo não é apenas Hitler, Franco ou Mussolini. Hoje o fascismo mundial vem liderado por figuras como Erdogan, com apoio dos EUA e da Rússia, independente de quem for o presidente de turno. Erdogan é hoje o presidente da República da Turquia e seu re-islamizador (não é por acaso que usa a religião, como não é por acaso que Jeanine Añez jurou sobre a Bíblia na Bolívia após o golpe de Estado). Há mais de 20 anos que Erdogan detém o poder na República da Turquia, sempre com um objetivo: limpar a Turquia de qualquer forma organizada de oposição e aprofundar o processo de conversão do Império Otomano em Estado Nação. Obviamente, este é o objetivo da OTAN, que permite que a Turquia tenha o papel que Israel não pode desempenhar no Oriente Médio: guardião dos interesses dos EUA no Oriente Médio.

As diferenças entre Turquia e Israel nos permitem ver que a vanguarda do sistema capitalista, que a cada passo aprende algo para seguir avançando. Israel devido ao seu sectarismo religioso e a sua condição imposta no Oriente Médio não foi capaz de se legitimar entre outros Estados do Oriente Médio, permanecendo sem aliados na região. Ao invés disso, com a re-imposição do Islã na Turquia, Erdogan e seu partido, o AKP, ganharam imediatamente a aceitação dos estados Árabes.

Isso permite que Erdogan use o DAESH (estado Islâmico), como também ao Hezbollah, como forças de choque contra a população curda e sua organização, o PKK. Já nos anos 90 a JITEM (organização de contra-guerrilha criada para combater qualquer forma de apoio popular a guerrilha curda), com apoio da OTAN, se dedicou a criar forças armadas de contrainsurgência em todo o território curdo, ameaçando as famílias nos vilarejos para obrigá-las a se unirem a contra-guerrilha e queimando os vilarejos que não se sujeitavam e continuavam resistindo. Mais de 4.000 vilas foram incendiadas, dando lugar a um êxodo massivo de famílias curdas em todas as direções, logo usadas na Europa e nas grandes cidades turcas como mão de obra barata em situação de hiperexploração.

Hoje estas estratégias continuam a acontecer por toda parte.



O motivo pelo qual hoje não existe em cada lugar do mundo um movimento de resistência forte e com capacidade de vencer é consequência, entre outros motivos, da falta de conhecimento de nosso inimigo. O inimigo nunca foi embora, sempre esteve aqui.

Outra coisa que faltou a resistência é o desenvolvimento de uma forma ampla e organizada de "autodefesa essencial". Nos referimos não somente do povo pegando em armas mas também de estruturas que desde o momento de seu nascimento desenvolvam formas de autodefesa, seja física ou ideológica. Assim como qualquer ser vivo precisa se defender, qualquer forma de organização social precisa também se defender. Nesse sentido, uma organização revolucionária, já que receberá ataques mais fortes e diretos que uma organização, por exemplo, cultural, deve se assegurar sempre da sobrevivência neste campo. Ou seja, qualquer organização que não pense em conhecer, prevenir e responder aos ataques, físicos e materiais, do inimigo, será anulada, assimilada ou destruída em poucos anos.

Por isso a formação de militantes, a ideologia, o "regime da verdade", são temas centrais para qualquer processo revolucionário. Mas não somente isso. Uma sociedade que não aceita o estado das coisas e luta para modificar as condições existentes será obviamente alvo de ataques de todo tipo. Por isso é importante que não se delegue a autodefesa para ninguém.

O estado nos dá responsabilidades que servem apenas aos seus interesses enquanto nos rouba as capacidades com as quais poderíamos gerar autonomia.

A autodefesa é o exemplo mais nítido. A criação e sistematização de polícia, exército e outras forças do "Status quo" respondem exatamente a isto; roubar da sociedade sua capacidade de se auto defender, impondo um monopólio da violência.

Não é possível desmascarar todas as formas que o sistema têm de nos controlar. Temos falado de organizações de choque contra a resistência e da necessidade de autodefesa, mas não é apenas isso.

A guerra que se trava hoje em todo o mundo, com ou sem bombas, é uma guerra ideológica.

Uma guerra que está em curso a 5.000 anos e que torna mais desigual a cada falha da resistência, gerando desesperança na sociedade, que em um determinado ponto não verá sentido em levantar a cabeça e lutar por sua liberdade. Cria-se uma sociedade que será mergulhada no niilismo e na depressão. Esse é o estado das coisas que querem criar. Mas se olharmos para o mundo, em todas as partes encontramos movimentos de resistência, grande ou pequenos, mais eficientes ou não, mas existem. Existe praticamente uma pulsão

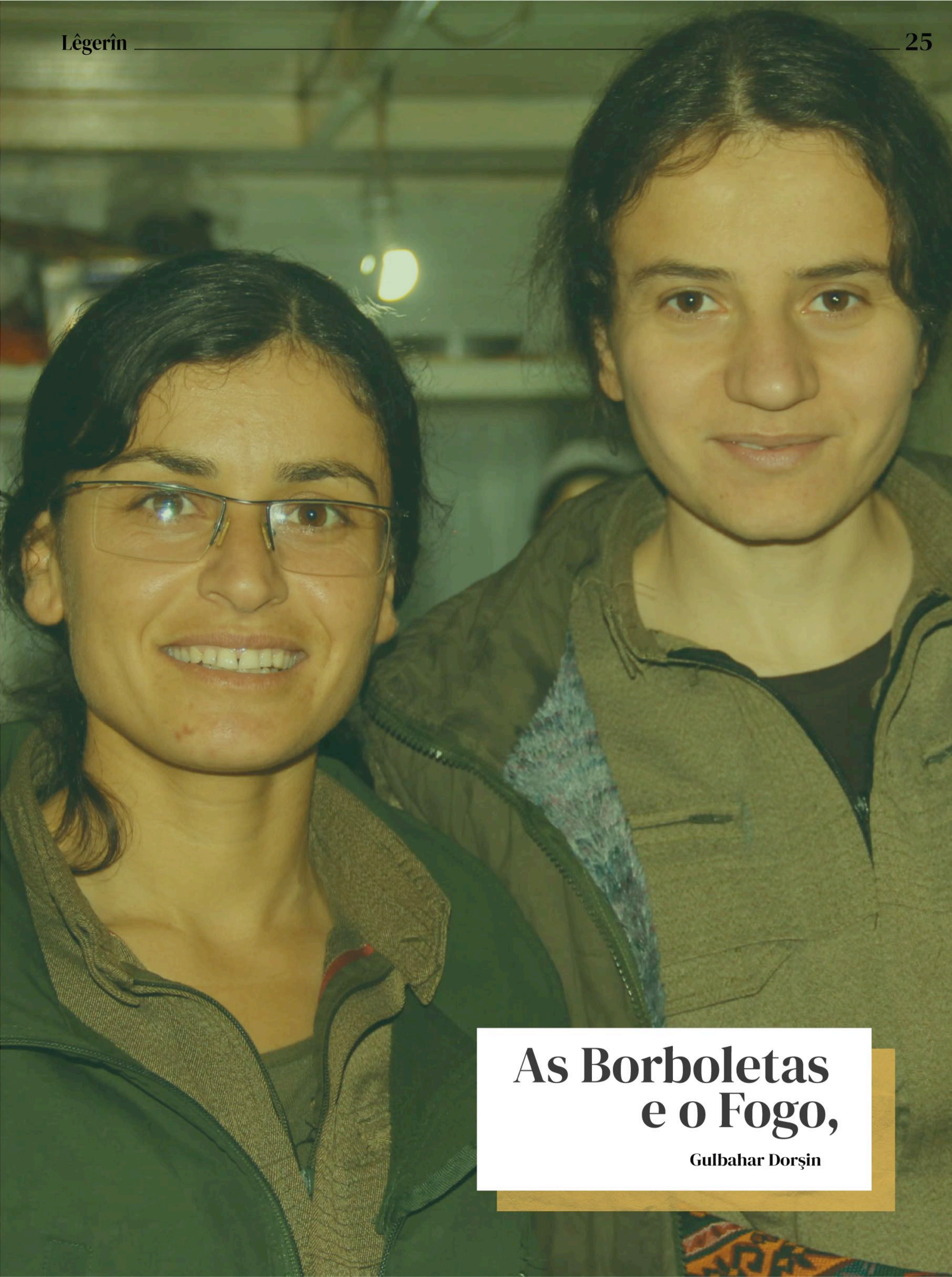
no ser humano que o faz lutar, o faz resistir. Desde Chiapas até as Filipinas, passando pelo Curdistão, encontramos movimentos de resistência organizados. A vitória de todos esses movimentos dependerá de seu desempenho nesta guerra ideológica. Por isso, hoje, a difusão do Paradigma da Modernidade Democrática deve ser um trabalho central para qualquer pessoa que queira se considerar revolucionária.

A melhor resposta a contrainsurgência, é a organização ideológica. Não somente em nossas cidades, povoados, regiões ou nações, nós devemos nos organizar em nível global.

O desenvolvimento da resistência é e sempre foi uma rede, uma rede que se fortalece quando um nó se fortalece e se debilita quando outro nó se debilita. Por isso temos um dever histórico. Nosso dever é fortalecermos ideológica e organizativamente para poder criar uma prática que de fato ponha em cheque ao sistema da Modernidade Capitalista.

A história não é imutável, de fato, a escrevemos todos os dias. Mas o que escrevemos nesta página da história que vivemos, só depende das nossas escolhas.





As Borboletas e o Fogo,

Gulbahar Dorşin

A ação correta é a melhor resposta ideológica

Relembrando a heval Rûken e Sara

A Túrquia se chocou quando um estrondo soou no coração da metrópole turca de Mersin em 26 de Agosto de 2022. Uma bomba explodiu na delegacia do distrito de Mezitli, fazendo tremer as escuras ruas da cidade. Mais que tudo, ela fez tremer o coração dos fascistas turcos. Logo antes da ação, o ministro do interior da Turquia Suleyman Soylu fez declarações orgulhosas sobre como o movimento curdo estaria muito enfraquecido e que um "Apoista" não poderia se mover livremente na Turquia. Mas a força e o profissionalismo de duas guerrilheiras Rûken Zelal e Sara Tolhildan Goyî mostraram uma vez mais que o fogo da revolução não pode ser extinto nem mesmo nas horas mais sombrias e que nenhum ataque aos valores do movimento pela liberdade permanecerá sem resposta.

A ação foi planejada como um ato de vingança pelos ataques com armas químicas ilegais que vêm atingindo continuamente as montanhas do Curdistão há 2 anos. Na época da ação, 2568 ataques com armas químicas foram gravados e 66 amigos perderam suas vidas resistindo a eles.



Em memória a estes amigos, Rûken e Sara se voluntariaram para a ação que iniciaria uma nova e mais forte fase de resistência.

Usando táticas de guerrilha moderna, as duas jovens mulheres se esqueiraram das montanhas para as cidades, foram para a delegacia e deliberadamente mataram vários policiais fascistas. Depois, para finalizar a ação, com grande resolução se sacrificaram explodindo seus corpos. A ação foi tão profissionalmente planejada que nenhum civil perdeu sua vida. Após a ação veio uma onda de reportagens por toda Turquia. Certamente, as primeiras declarações do estado foram sobre ataque terrorista. A imagem criada na mídia fascista queria pintar as duas mulheres como terroristas enlouquecidas que usaram de violência cega. Infelizmente uns poucos canais de mídia curda também se opuseram a ação, descrevendo-a como inapropriada. Tudo isso, inevitavelmente, causou confusão em nossos círculos.

Como podemos compreender adequadamente esta ação? Nós sabemos que não foi violência cega, nem desespero que motivaram heval Rûken e heval Sara em suas ações. Mas o que foi então? Rêber APO diz

"Toda Şehîd tem uma mensagem para nós." Qual é a mensagem que essas duas guerrilheiras e qual deveria ser nossa resposta a ela?

Como muitos movimentos revolucionários, o movimento curdo experimentou inúmeras ações de 'fedayî' (sacrifício) em sua história. Em 1996, Heval Zilan tirou assim o movimento de uma crise profunda. Após uma tentativa de assassinato contra Rêber APO que falhou por muito pouco, heval Zilan infiltrou-se em um desfile militar em Dersim e em protesto explodiu a si mesma, juntamente com vários soldados. Ela aterrorizou profundamente o inimigo e se tornou a inspiração para que milhares de mulheres se juntassem a guerrilha. Se ela não tivesse tomado esta ação, os ataques de inimigo poderiam ter se tornado ainda mais fortes e o movimento talvez não tivesse força o suficiente para resistir.

A força de vontade de Zilan se tornou a fonte de força para toda a sociedade. Outras ações de fedayî na história do nosso movimento não aconteceram como um fim em si mesmas, mas foram planejadas e realizadas para reacender a chama revolucionária nas fases mais críticas da luta.

Heval Rûkên e Sara foram parte da 'unidade especial Şehid Zilan'.

Elas trabalharam duro para aprofundarem-se ideologicamente e para construir a compreensão correta sobre como intervir na estratégia do inimigo, seguindo o exemplo de heval Zilan como seu modelo.

Quem foram estas jovens mulheres? Heval Sara foi uma jovem mulher nascida no norte do Curdistão, mas passou a maior parte da sua vida fugindo com a família, pois seu vilarejo foi incendiado pelos militares turcos. Nas metrópoles da Turquia, Heval Sara se sentia como uma estrangeira. Ela sabia que deveria levar uma vida de acordo com seus sonhos de liberdade e ela sabia que a única maneira de ser livre era ir para as montanhas livres do Curdistão e viver através da luta constante contra os ocupantes. Ela rapidamente se desenvolveu no partido. Em sua carta ela escreveu:

“Quando me uni ao partido, nunca quis ser um fardo para o partido, queria carregar o fardo eu mesma.”

Ela sempre esteve atenta para os defeitos em si mesma e trabalhava em sua personalidade revolucionária diariamente.

Quando os militares turcos iniciaram a operação em Gare em 2021, ela foi afetada pelas armas químicas, mas sobreviveu. Ao seu lado,



o comandante Şoreş Beytüşebab se tornou Şehid. Esse evento a marcou tanto que por um longo período refletiu profundamente sobre qual seria a resposta para estes ataques brutais. Ela propôs a si mesma para uma ação fedayî. Então ela participou de ensinamentos muito profundos e construiu uma personalidade militante.

Ela sempre refletiu sobre como poderia encontrar o verdadeiro poder de uma mulher, como superar os modos como sistemas patriarcais nos moldam e as qualidades rudimentares que via em si mesma, como efeito disso. Ela decidiu lutar contra essas características.

Ser fedayî é uma qualidade que exige uma sensibilidade e grande afinidade com valores éticos.

Heval Rûkên foi uma jovem mulher de Rojava que lutou como comandante por quase 10 anos como quadro das forças especiais da guerrilha. Sua afeição por Rêber APO era bastante forte e ela pensou muito sobre como fazer justiça a ele. Assim como Heval Zilan disse "Eu gostaria de poder sacrificar mais do que minha vida",

heval Rûken não estava satisfeita com pequenos passos, queria se transformar numa mudança verdadeira. Sua crença na vitória da revolução era tão grande que se voluntariou para uma ação fedayî sem pestanejar.

As duas amigas não se conheciam antes, mas rapidamente se tornaram um time inseparável que construiu um novo nível de resistência em uma fase caracterizada por tentativas constantes e desesperadas de destruição e rendição da nossa luta.

Quem quer que pense que a ação foi inapropriada, talvez não tenha compreendido a complexidade da situação em que nós nos encontramos atualmente. Pois a fase que estamos passando agora é provavelmente tão crítica quanto foi a de 1996. Através de uma política de isolamento em Imrali, haviam tentativas de cortar os laços entre a revolução e Rêber APO. Com tentativas de liberalização, o sistema está tentando nos induzir ao pacifismo, o que já levou tantas revoluções ao fracasso em seus últimos momentos. Por isso heval Sara também escreveu "Você não deveria exigir responsabilidades do PKK, sobre esta guerra suja, mas sim do sistema vigente".

Se olharmos para os terríveis métodos com os quais o movimento de libertação são atacados diariamente, nós podemos classificar essa ação como uma ação de autodefesa que mostra ao estado da Turquia seus limites.

Esse não é um chamado por repetição. Rêber APO escreveu em uma de suas cartas sobre ações fedayî

“Eu não quero lutadores que venham para morrer, eu quero lutadores que criam vida”.

Ali a linha do movimento está explicada. Se olharmos para ações fedayî na história do PKK, nós percebemos elas raramente acontecem sem peso emocional. Nós precisamos compreender que as ações de Heval Rûken e Sara é também, altamente ideológica. Ideológica no sentido de que seu objetivo foi totalmente construído para criar novas possibilidades de resistência para nós.

Ser ideológico não significa saber um monte ou ser capaz de façlaar bem. Ser ideológico significa, numa situação onde seus objetivos estão sobre imenso ataque, onde escapar parece impossível, é ter uma ligação tão forte com seus objetivos que é você quem cria uma saída.

Nós todos desejamos que os atques com armas químicas parem. Mas depois de uma manifestação nós vamos pra casa pensando “isso é tudo que podemos fazer”. Na verdade, nós sabemos que os ataques vão continuar, nós vamos conseguir de fato para-los? Ou é hora de questionarmos a nós mesmos e a maneira que temos abordado o conflito?

Quando dizemos que foi uma ação idelógica, aqui também há uma mensagem para nós. Significa irmos para lêm de nós mesmos.

Nós precisamos tomar ações nunca antes pensadas. Ações que o sistema jamais esperaria de nós. Nós precisamos fazer a modernidade capitalista tremer.

Nós devemos realmente sentir os hevals nas montanhas, que estão numa resistência contínua, defendendo nossos valores revolucionários com todas as suas forças até o último suspiro.

Nós devemos sentir que esses revolucionários são pessoas que vivem e defendem a modernidade democrática no mais alto nível. Se, como Heval Sara, nós tivéssemos sentido o gás venenoso em nossos pulmões, e o mais querido de nossos amigos morresse por ele, nosso nível de combate não seria diferente? Não sentiríamos nós também, que o que estamos fazendo agora, não é o suficiente ? Não iríamos querer nos vingar do sistema que está tentando silenciar esses ataques sujos ?

Heval Sara e Heval Rûkên fez um chamado para escolhermos uma vida baseada em criatividade, profissionalismo e grande determinação.

Elas nos mostram que com a profundidade ideológica correta; com a ligação com seus objetivos e com grande amor a luta, sempre é possível dar um passo adiante. Então,

o que estamos esperando ?



O colapso do Sistema e o papel dos povos oprimidos no

Rosa Kollontai

Certamente todos nós já nos perguntamos o que há de real nessas cenas catastrofistas de Hollywood.

HOLLYWOOD

O que irá acontecer se a humanidade continuar destruindo a si mesma ?

Quando chegará o colapso ?

Quando o mundo se vingará de tanta destruição ?

W

O que todas estes filmes têm em comum é que o fim do mundo significa o caos total. Um caos que surge das crises mais diversas e que significa o inevitável colapso. A humanidade é retratada como incapaz de agir. Na realidade, a insignificância com que somos representados nos faz vermos de maneira quase incontestavelmente como sujeitos passivos. Posição que termina sendo adotada por muitos. A pessoa se vê neste papel e acaba o aceitando completamente. No fim das contas, quem somos nós para, como indivíduo, mudar algo? Deste modo, nos separamos de nosso entorno e nos vemos neste mundo somente como indivíduos.



Separados de nossa própria cultura e sociedade se torna difícil desenvolver visões que não terminem somente em fatalidade.

Nos rendemos a predição do futuro do sistema ou inventamos por nós mesmos o caminho que iremos escolher?

Seguimos aceitando que cada indivíduo só pode existir na medida em que cria status em sua carreira profissional ou familiar, com o medo constante de um possível fracasso para negar a si mesmo e a sua própria auto-estima, ou buscamos por nós mesmos o que constitui uma vida digna?



Mas, o que realmente vemos quando pensamos no futuro? Nos rendemos a esta desesperança deterministas em nossos pensamentos?

Temos todos essa estranha sensação de medo quando pensamos no futuro?

Por que tudo que nos vêm a mente sobre o futuro, ou significa o colapso de todo o planeta ou nosso sonho só alcança até imaginarmos uma vida em nossa horta, isolados em felicidade familiar?

Deste modo, nunca se encontra uma resposta a crise do mundo e sua possível solução. Pelo contrário. Quem pensa assim se perde em confusão. É assim que perdemos contato com o futuro que promete mudanças para todos.



Se nossas ideias de um mundo melhor só têm lugar em nossa própria imaginação, se só damos valor ao trajeto da nossa própria vida, ou quando muito à de nossos filhos e netos, então nossos pensamentos e soluções também permanecerão dentro deste marco estreito.

Que alternativa temos ?



Não é fato que tudo se acaba em caos incontrolável ? O que o caos significa ? O que quer dizer Rêber APO quando fala do potencial revolucionário do momento de caos ? O sistema é um caos pré determinado em que nós, como seres humanos, não podemos encontrar um lugar de nossa própria escolha. No entanto, uma vez que ampliamos nossa compreensão do mundo independente do caos capitalista, descobrimos uma organização natural dentro dele. Como as inteligências de enxame, que inteiras são capazes de se organizar através de sua formação. Através de uma formação intuitiva existem em comunidade.

Assim que vemos ao caos, não necessariamente como resultado da crise, mas como expressão da organização das massas, somos capazes de deixar de ser esmagados por ele.



Então compreendemos que a chave da sobrevivência neste sistema de crise é nos formatarmos e nos unificarmos como comunidade.

O verdadeiro caráter da crise, é sentido em especial por todos que estão no seu centro. São os que não podem se refugiar em uma situação individual de prosperidade quando sentem que a crise cai sobre eles. São as pessoas que não podem fechar os olhos a realidade pois a enfrentam todos os dias. Não veem as bombas cair por uma tela. Não. Caem sobre sua própria porta. Não aprendem na escolha o que são catástrofes naturais. Não. Estão no olho do furacão.

As crises são uma realidade da vida dos povos oprimidos, eles não tem oportunidade de mudar de canal quando não gostam do que veem.



As contradições deste sistema se unem em suas circunstâncias. Não têm a opção de olhar para o outro lado ou deixar de ver. Tão pouco têm a opção de se isolarem.

Somente quando se unem, os povos oprimidos são capazes de converter o caos desorganizado em uma formação combativa.

Somente quando a terra for compreendida em sua totalidade e todas as pessoas se sintam unidas com a natureza, poderemos deixar de ver nelas as causas das catástrofes. Em vez disso, seremos capazes de abrir nossos olhos para a realidade do sistema.

Nossa imagem sobre o inimigo não deve ser a terra e a natureza.

É a natureza que se protege da abominação dos interesses do capital com métodos incrivelmente criativos. Precisamos entender que não é a humanidade que está forçando o mundo ao colapso, mas a cobiça por benefícios e a dominação dos indivíduos. É uma mentalidade contra a qual somente podemos lutar com força de vontade e espírito organizado.

Contra essa mentalidade propomos a humanidade a ideia do Apoísmo.

Convertendo-nos em uma força organizada de todos os povos oprimidos, obrigando a toda feiúra a transformar-se na mais pura beleza. Utilizemos o caos, mas não nos convertamos em caos. E encontremos no caos, um sinal nos conduza ao caminho da revolução.

Ainda que esse caminho venha a ser acidentado e cheio de pedras, estes desafios devem nos dar mais motivos para seguirmos caminhando por ele e insistir para que todos os caminhos que podem não ter convergido hoje se encontrem amanhã.

Amanhã, talvez, eles já estejam unidos e todos os jovens democráticos e socialistas estarão marchando para um futuro brilhante.





Chega de auto-engano

Carta de um internacionalista que se juntou às fileiras da guerrilha



"Foi uma cena que não poderia ter sido mais clichê. Uma daquelas noites de outono tão típicas desta metrópole, fria e ventosa, em um dos bairros mais sujos da cidade. Ainda me lembro da chuva ocasional, uma fina chuvada e o beco escuro e decrepito em que andávamos para cima e para baixo. Nervosamente, eu fumava um cigarro atrás do outro, enquanto deixava o monólogo do desconhecido me encharcar como chuva. Eu estava pronto para partir, havia me despedido de todos os que eram importantes para mim. Eu queria ir para as montanhas, tínhamos conversado sobre isso, e tudo parecia estar claro... até que o estranho estendeu sua mão para mim e esta palavra surgiu: junte-se a mim.

Eu não tinha ideia do que era aderir, o que realmente significava e para onde me levaria. Os detalhes eram incertos, mas o essencial era claro, inegável.

Vivia em um mundo que precisava mudar radicalmente, e o Curdistão era o melhor lugar para fazer isso.

Aqui, no coração da besta, as coisas não estavam melhorando, estavam piorando, e nós não tínhamos nenhuma perspectiva realista de mudar isso. Estávamos presos no status quo. Eu já tinha um problema com o status quo há muito tempo. O status quo sempre foi uma conformidade apodrecida em todos os lugares.

Uma conformidade imposta, uma relação forçada, e eu me esforcei para me adaptar, para me encaixar. Seja em família, na escola ou em outras instituições, nunca foi fácil para eles. Sempre insolente, sempre impetuoso, sempre querendo ter a última palavra: esse fui eu. Só muito mais tarde percebi que por trás de muitos desses primeiros conflitos havia mais do que a tendência de ser contrário. Em retrospectiva, mesmo naquela época se tratava de questões fundamentais da vida social, especialmente de justiça. Como crianças, tínhamos uma relação natural uns com os outros e com o mundo, estávamos mais próximos de sua verdade e dos valores universais. Sem a consciência das relações de poder cruéis e das normas e regras que elas impõem, sem o medo das consequências de nossas ações, éramos honestos, inocentes e livres. Foi a passagem através das instituições deste sistema que nos moldou e mudou e, é claro, a mim também, para sempre. A extensão dessas mudanças, em grande parte negativas, só ficou clara para mim muito mais tarde, nas montanhas do Curdistão. O processo de realização começou alguns meses antes de eu me encontrar em um beco escuro quando prometi a um estranho dedicar minha vida à luta revolucionária. Por mais honroso que isto possa parecer, foi uma profunda crise interior e uma visão não envernizada de minha própria realidade que me levou a tomar essa decisão. O surgimento desta crise está intimamente ligado à busca de alternativas. As pequenas revoltas de minha infância se desenvolveram ao longo dos anos em rebeliões maduras.

Dos sinais individuais de protesto surgiu a busca por pessoas com os mesmos interesses, discussões e experiências compartilhadas que se tornaram os primeiros passos em direção à política.

Contradição e confusão em nós mesmos

As contradições inicialmente moderadas com o sistema se intensificaram rapidamente, tanto em teoria como na prática. A primeira vez algegado, a primeira pedra lançada, as primeiras consequências tangíveis: todas estas experiências apenas solidificaram a percepção de que o status quo simplesmente não era uma opção. Ao mesmo tempo, a busca do caminho certo para superar o status quo exigia mais do que apenas protestar, mais do que apenas denunciar a injustiça. Eu queria mudá-los, aboli-los. Neste espírito, fui atraído pela metrópole, por um dos supostos centros de resistência. Rapidamente fiz contato com as pessoas certas, tomei parte em ações e logo me organizei. Éramos jovens, dispostos a assumir riscos e a compartilhar experiências comuns na rua. Radicalizamos em palavras e práticas, ampliamos nossos campos de trabalho e nossos horizontes. Fizemos a coisa certa e nos divertimos fazendo isso, vivemos nossas vidas como queríamos vivê-las, mas as circunstâncias permaneceram as mesmas. Além disso, com o passar do tempo, a realidade do sistema nos foi alcançando lentamente, mas inexoravelmente.



Nossa luta nunca foi mais do que uma pequena parte de nossa vida cotidiana, foi um hobby. Os compromissos cresciam e a cada passo dentro das instituições crescia também a vontade de conformidade.

Especialmente as primeiras experiências internacionais nos fizeram perceber que tínhamos que encontrar soluções mais sérias para as questões urgentes da época: precisávamos de uma linha, de um plano, de uma organização. Essa era a convicção de pelo menos alguns de nós, sem muita experiência ou conhecimento, mas com muita motivação. Foi justamente naquela época que conhecemos o movimento de libertação curdo. Ficamos impressionados, fascinados com o radicalismo e a eficácia deste movimento. Mas ainda mais do que isso, estávamos procurando perspectivas: esperávamos encontrar respostas para nossas perguntas, soluções para nossos problemas.

Abordamos o assunto de acordo, com boas intenções, mas com um entendimento superficial; tentamos aplicar em nossa própria prática o que supostamente aprendemos com o movimento. Não demorou muito para que nossos próprios hábitos nos pegassem. Enquanto nos concentrávamos em nossa luta política, principalmente em nossos resultados, as contradições internas começaram a se intensificar à medida que nos aprofundávamos em teoria, organização e prática. A falta de valores e crenças comuns tornou-se cada vez mais evidente, mas nossa capacidade de dar as respostas corretas estava faltando.

Não que não conseguíssemos encontrar as palavras certas ou analisar os problemas: o problema era nossa própria vida, como vivíamos e quem éramos. Quanto melhor entendíamos o sistema, mais claro se tornava nosso próprio envolvimento.

Nós não éramos mais crianças, não éramos mais sinceros, livres e inocentes. Embora tivéssemos escrito os slogans da luta em nossas bandeiras, tatuados em nossa pele e gritados nas ruas, tivemos que reconhecer desde cedo o quão profundo o suposto inimigo vivia em nossas cabeças e corações. Nossa existência era profundamente esquizofrênica, nossas personalidades divididas - sendo radicais em reuniões, pensamentos e papéis, mas em nossa vida diária, em nossas instituições, em nossos sentimentos e em nossas vidas privadas na melhor das hipóteses reformistas, muitas vezes apolíticas e oportunistas, muitas vezes até reacionárias. Mesmo em nossa chamada comunidade de crenças, estávamos desempenhando apenas um dos muitos papéis que tínhamos que desempenhar em nossas vidas. A 'cena', o grupo, a maioria de nossos contatos sociais eram, na melhor das hipóteses, comunidades para satisfazer um fim, nossas relações com os outros pragmáticas, calculadas e focadas em nosso próprio benefício individual. Como não podíamos mostrar nosso verdadeiro eu mesmo em nosso ambiente mais próximo sem medo de rejeição, desprezo ou exclusão, a única esperança de escapar da solidão eterna e da frieza era a busca da pessoa única e perfeita.

A busca do amor

A única pessoa que poderia nos dar tudo



aquilo que a sociedade nos negava: afeto, proximidade, simpatia, ternura, força, confiança, segurança e apreço, em outras palavras: Amor.

Foi precisamente nestas, nossas relações mais próximas, que as partes mais feias de nossa personalidade foram reveladas:

Inveja, ciúme, desejo de dominação e posse eram a norma, não a exceção. Assim como de fato aceitamos e continuamos nosso papel de exploradores e exploradores em relação ao Estado e ao capital, reproduzimos de bom grado estas relações repetidas vezes em nossas próprias relações.

Nosso afeto um pelo outro muitas vezes consistia na objetivação mútua, e o que chamávamos de amor muitas vezes nada mais era do que a promessa final de satisfazer as próprias necessidades.

Não amávamos os outros, amávamo-nos primeiro e abusávamos dos outros como um meio para atingir um fim. Nós demos para conseguir. Nesta base, não fomos capazes de viver a verdadeira amizade, a verdadeira companhia ou mesmo o verdadeiro amor, mas sim sementes de humilhação, desapontamento e dor mútua.

Encontrar uma forma revolucionária de abordar todos estes problemas teria significado mudar nossas personalidades e a nós mesmos como um coletivo, nossas relações e nossas vidas sem concessões: libertar-nos de todas as supostas limitações do sistema, resistir a suas tentações e seduções, não mais nos entorpecer, negar-nos, provar-nos a nós mesmos. A verdade é que a maioria de nós não estávamos preparados para isso.

Tive que perceber dolorosamente que eu mesmo era parte de todo este caso opressivo, que o alimentei e o vivi, aceitei, aprovei e até desfrutei dele. Esta realização foi no início mais um sentimento vago, um efeito colateral de vergonha pelos meus próprios erros, dor e decepção pela ausência de uma forma revolucionária de lidar com esta realidade de todos nós, mas também com a minha realidade. Isso me levou a uma crise profunda. Uma crise de sentido, literalmente.

Nesta situação, foram os pensamentos e análises de Rêber APO que transformaram sentimentos em compreensão, que esclareceram dúvidas e ambiguidades.

Foi a filosofia do movimento de libertação curdo que me fez entender minha própria realidade, me impôs um espelho e me chamou para assumir a responsabilidade, mas sem moralizar, sem condenar. Foi o PKK que mostrou uma alternativa viável ao círculo eterno de oprimir e ser oprimido.

Entendendo o significado de revolução

Enquanto nos afogávamos pessoal e politicamente por falta de perspectiva, insensatez e cumplicidade com o sistema e apenas reforçávamos as condições prevalecentes com nosso modo de vida, os camaradas do PKK lutavam incessantemente pela sobrevivência, mas apesar de seus sacrifícios, estavam avançando, rumo à vitória. A resistência heroica dessas pessoas contra um mundo hostil e o fascismo mais cruel já era suficiente para apelar para a consciência revolucionária e a responsabilidade. Mas não só moralmente, mas também política e estrategicamente. A avaliação era clara: mesmo que tentássemos desesperadamente não perder toda a confiança e esperança num mundo melhor, não havia nenhuma chance real de sucesso nas metrópoles, não enquanto todos nós nos beneficiássemos da exploração imperial.

O potencial revolucionário deste mundo está no Sul Global, e houve um movimento que provou na teoria e na prática ser capaz de mobilizar este potencial.

Eles tinham conseguido mostrar ao mundo inteiro uma alternativa à barbárie. Para dar esperança. O PKK era e ainda é para mim a oportunidade do nosso tempo: o raio de esperança no horizonte, a esperança de unir as forças fragmentadas e revolucionárias deste mundo e uma possibilidade realista de criar

uma chance para a realização dos nossos sonhos de uma sociedade liberada. De um ponto de vista revolucionário, isto significa necessariamente que uma perspectiva global, internacionalista, convicção e necessidade estratégica na luta contra um sistema hegemônico, não é uma questão de preferência pessoal, mas um requisito básico para qualquer esforço sério de mudança.

Aqueles que afirmam estar comprometidos com a revolução global, mas na prática não estão dispostos a sair de sua própria zona de conforto, é melhor ficarem calados sobre a superação do nacionalismo e do individualismo.

Então, naquele beco escuro, não era uma questão de escolha como é agora. Não havia escolhas reais a serem feitas. Quando você reconhece pela primeira vez a verdadeira natureza do sistema e seu próprio envolvimento nele, então não pode haver mais desculpas. Não há alternativa à resistência, à luta e à libertação. Aceitar a opressão e a exploração, e legitimar a própria participação nelas apesar das alternativas existentes, não significa nada mais do que um compromisso e uma solidariedade prática com as condições prevalecentes. Eu não estava preparado para isso. Eu não estava preparado para me negar, para aceitar e integrar meu próprio status quo ou o deste mundo. Também não estava preparado para ficar no limite da segurança e aplaudir, para deixar o trabalho sujo somente àqueles que sempre o fizeram por nós. Naquela noite de outono, ele teria tido muitos argumentos, mas sobretudo desculpas, para recusar a mão estendida do desconhecido. Mas eu já estou farto disto.



Lições históricas para um novo ciclo revolucionário

Do livro: Mudando o mundo de cima para baixo. Os limites do progressivismo.
Raul Zibechi e Decio Machado



Desde a Revolução Russa de 1917, temos tido um século de experiências revolucionárias triunfantes. Tempo suficiente para tirar algumas **conclusões** ou para avançar na **reflexão** sobre os limites e problemas enfrentados por essas experiências que, como um todo, envolvem uma parte importante da humanidade. Algumas têm sido objeto de debate entre intelectuais e ativistas. Outros são mais polêmicos e confinados à experiência latino-americana.

A primeira

forças organizadas capazes de derrubar o antigo regime são inadequadas para construir a nova sociedade.

As forças revolucionárias triunfantes são organizações hierárquicas cujo topo é majoritariamente masculino, branco, educado. Estas forças são adequadas para enfrentar e derrotar militarmente as forças de reação, mas não são nada adequadas para construir relações sociais de um novo tipo, uma vez que as duas lógicas se opõem uma à outra. A unificação das forças anti-sistêmicas, necessárias para o combate, torna-se um problema quando se trata de transformação. A relação de comando, "**mandar mandando**" em linguagem zapatista, deve dar lugar a "**mandar obedecendo**" ao povo, algo que vai em sentido oposto à cultura de grupos revolucionários. Somente uma forte educação ética pode modificar esta forma de fazer as coisas, que, entre nós, se manifesta em uma gama de comportamentos que vão do caudilhismo ou do culto à personalidade, à delegação a patrões e líderes, ou a instituições estatais, ou combinações de ambas.





A segunda

Está relacionado ao **inconveniente da fusão entre partido e estado**, já que se forma um "sistema oligárquico revolucionário", que é muito difícil de desmontar (Del Río, 1981: 162). Este é frequentemente o primeiro passo na cristalização de uma nova classe no poder, uma classe que nasce fora do controle do poder estatal e se impõe à sociedade. O controle do aparelho estatal por um longo período de tempo permite que um pequeno grupo de pessoas controle, através de sua gestão, os meios de produção. Os meios de produção podem ser formalmente propriedade do Estado, mas na verdade eles são administrados por uma camada que toma as decisões mais importantes e se beneficia diretamente de sua gestão.

A terceira

Consiste na **dificuldade de desenvolver os poderes dos produtores, dos trabalhadores e trabalhadoras**, dos poderes não estatais.

Nos estágios iniciais das revoluções existem muitas vezes organizações de massa nascidas na base da sociedade (soviets, comunas, comitês de defesa da revolução), que gozam de grande legitimidade e nas quais parte da população participa. Essas organizações são muitas vezes apoiadoras entusiasmadas dos processos de mudança e muitas vezes se identificam com a liderança revolucionária. Após o auge do conflito, estas organizações tendem a enfraquecer, os militantes as abandonam e acabam murchando. Mas a liderança da revolução, ao invés de encorajá-los e tentar revitalizá-los, tende a subordiná-los ao projeto de fortalecimento do Estado, pelo qual todas as revoluções bem sucedidas são impulsionadas. Ambos os processos [...] acabam destruindo o papel das organizações ao transformá-las em instituições secas e incapazes de mobilizar a população. Muitas vezes eles são transformados em aparelhos para o controle da própria população que os criou.

Há muito poucas experiências de **autogoverno** que tenham passado o limiar do refluxo e superado a **cooptação estatal**. Os Conselhos de Bom Governo liderados pelo Zapatista merecem um lugar de destaque na história do autogoverno de baixo para cima. Até agora, eles não foram burocratizados, nem sucumbiram ao Estado ou ao poder revolucionário. O fato de serem inspirados por uma prática que não procura assumir o aparelho estatal, mas promove o autogoverno do povo, recuperando as tradições indígenas, pode ser um dos fatos que explicam esta "anomalia". Um grupo autônomo, separado das comunidades, não surgiu, pois a rotação e o desejo de que todos e todas participem das tarefas do governo permanecem intactos. As juntas de bom governo são **as aldeias que estão organizadas como uma potência**.



A quarta

Está relacionada às imagens ou metáforas que usamos sobre o fim do capitalismo e a transição para um novo mundo. Rosa Luxemburgo, como outros revolucionários do início do século XX, foi uma defensora da **teoria do colapso do sistema** e chegou ao ponto de afirmar que "é a medula do socialismo científico", já que "sem o colapso a classe capitalista não pode ser expropriada" (Luxemburgo, 1967: 98). Por sua vez, o sociólogo Immanuel Wallerstein vê o colapso do sistema como uma oportunidade para não perpetuar a exploração, observando que **"as revoluções podem até ser revolucionárias na medida em que promovem tal colapso"** (Wallerstein, 1998: 106). Ele chega a esta conclusão porque argumenta, com base na experiência histórica, que uma transição controlada e organizada implica uma continuidade da exploração, porque alguém a dirige e controla. **No pensamento revolucionário, a imagem do colapso é visualizada como o momento de ruptura no qual a irrupção dos setores populares organizados pode virar a maré da história**, pôr fim ao domínio da classe e abrir as portas para a construção de um novo mundo. Há algum tempo, o zapatismo vem lidando com a hipótese de colapso e propôs seu debate em uma reunião em 2015 em Chiapas, El pensamiento crítico frente a la hidra capitalista. É um debate bastante novo nos movimentos anti-sistêmicos, mas pode ser encorajador diante da aposta da maioria dos movimentos sociais de que serão os partidos no governo a liderar a sociedade em direção a um novo mundo. A ideia de colapso tem uma longa tradição no movimento socialista. Nos últimos anos ela foi revitalizada pela crise do conceito de desenvolvimento indefinido e pela crise ambiental em curso.

É evidente que se o capitalismo não entrar em colapso, será muito difícil superá-lo. Mas o colapso por si só não garante que a sociedade que emerge de suas cinzas será melhor do que a atual. Na forma de entender a transição que está ganhando terreno entre organizações sociais e ativistas, entende-se que as iniciativas existentes podem ser o ponto de partida para a reorganização da sociedade no sentido de uma maior democracia e justiça social. Nesta direção, todas as criações coletivas, das hortas orgânicas às fábricas recuperadas, da educação libertadora à saúde integral, devem ser entendidas como relações sociais heterogêneas em relação às hegemônicas que formam pequenos mundos novos que podem servir, talvez, como inspiração/iluminações quando a humanidade se esforça para se reconstruir após o colapso.



A quinta

Finalmente, representa um desafio de enorme magnitude: a ideia de governar e dirigir uma sociedade inteira, de fazer uma mudança que inclua todos os habitantes, implica uma atitude totalitária que implica governar milhões de pessoas e, goste ou não, oprimi-las, algo que vai contra o espírito emancipatório. O problema é como não renunciar à mais ampla mudança social possível, mas renunciar à pretensão tipicamente iluminista e elitista de levar o bem e a luz a todos. É uma questão de tentar um caminho diferente que envolve a autolimitação dos revolucionários **que não devem fazer tudo o que podem**, mas não apenas por razões ambientais (Capella, 2007). É uma das principais qualidades da emancipação que passa não apenas pela autoinstituição, mas, junto com ela, pela autolimitação (Castoriadis, 1995). Se o capitalismo pode ser entendido como a utilização ilimitada das potencialidades humanas sem medir consequências, ser capaz de nos limitar - basicamente por razões éticas - pode ser entendido como uma forma de sufocar os impulsos irracionais que, em última instância, nos levam à autodestruição e à barbárie.





Comandanta Ramona

O Primeiro de Muitos Passos



Em 12 de outubro de 1996, no Zócalo da capital, diante de milhares de pessoas, uma pequena mulher de coração gigante, olhos brilhantes e olhar sincero, vestida com um huipil branco com bordado vermelho, e cobrindo seu rosto com uma balaclava, pegou o microfone e entregou uma importante mensagem: "Sou a Comandanta Ramona, do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Eu sou o primeiro de muitos passos dos Zapatistas para a Cidade do México e em todos os lugares do México. Esperamos que todos vocês nos acompanhem".



Foi a primeira vez que um membro do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena do EZLN veio à cidade, o que significou não só quebrar o cerco militar, mas também fortalecer o diálogo e o encontro com muitos outros povos nativos e setores sociais do México: "Viemos aqui para gritar, junto com todos, o não mais, nunca mais um México sem nós", disse Ramona. E ela continuou: "É isso que queremos, um México onde todos tenhamos um lugar digno". É por isso que estamos dispostos a participar de um grande diálogo nacional com todos. Um diálogo onde nossa palavra é mais uma palavra em muitas palavras e nosso coração é mais um coração em muitos corações".

Na clandestinidade, a Comandanta Ramona tinha desempenhado um papel fundamental no Zapatismo. Ela participou de uma revolta dentro da revolta, ou o que o falecido sub Marcos chamou de a primeira revolta do EZLN. Junto com a Comandanta Susana e outras mulheres, antes de 1 de janeiro de 1994, Ramona promoveu a lei revolucionária da mulher, um documento que, entre outros pontos, estabeleceu que as mulheres, independentemente de raça, credo, cor ou afiliação política, têm o direito de participar da luta revolucionária até o lugar e grau que sua vontade e capacidade determinem.

Ramona tornou-se a figura mais visível de várias gerações de mulheres maias zapatistas que passaram de viver subjugadas a estruturas colonialistas, patriarcais e capitalistas para estar à frente de uma organização político-militar insurgente. Recordemos, por exemplo, que em 1993, em meados de 1993, os agricultores de Chiapas exerceram o direito de pernada nas famílias de seus peões, ou seja, praticaram seu direito de estuprar mulheres que se casaram com um de seus peões. Em 2013, durante a escuela zapatista - uma iniciativa na qual as comunidades zapatistas mostraram a milhares de pessoas de todo o mundo o que tinham conseguido diariamente - diferentes bases de apoio das mulheres contaram como a lei revolucionária da mulher foi colocada em prática. O exerci-

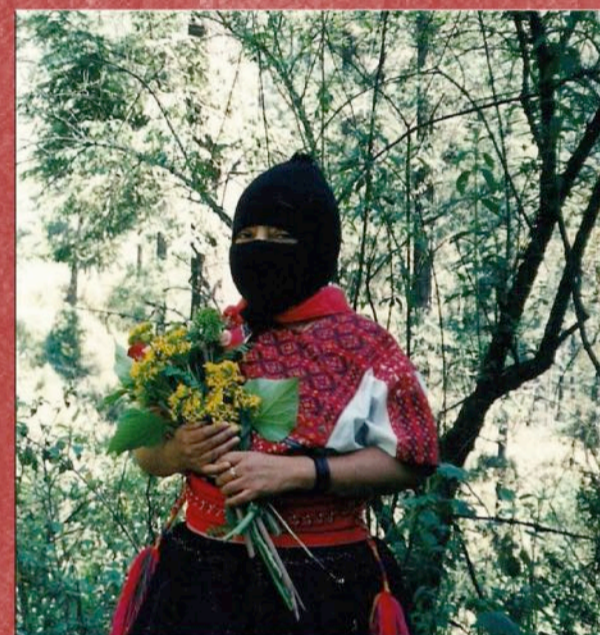
cio foi fantástico, e também levou a uma proposta de estender a lei com 33 novos artigos.

Em maio de 2015, 20 anos após a guerra contra o esquecimento, pelo menos seis gerações de mulheres zapatistas compartilharam suas palavras sobre como a situação da mulher mudou durante aquele tempo. Os depoimentos, compilados na seção La Lucha como mujeres zapatistas que somos no livro El pensamiento crítico frente a la Hidra Capitalista I, são documentos excepcionais de auto-avaliação coletiva e transgeracional. Ali, a base de apoio zapatista Lizbeth disse: Nós, como [...] jovens mulheres Zapatista de hoje, não sabemos mais como é um capataz, como é um latifundiário ou chefe [...]. Temos agora a liberdade e o direito como mulheres de expressar nossas opiniões, de discutir, de analisar, ao contrário de antes. Na mesma linha, em abril de 2018, pelo menos seis gerações de mulheres zapatistas relataram os avanços e desafios das mulheres zapatistas.

A Comandanta Ramona faleceu em 6 de janeiro de 2006, mas seus passos continuam a ecoar em Zapatista Chiapas, no México e no mundo inteiro. Em 2019, no Semillero "Huellas del Caminar de la Comandanta Ramona", será realizado o segundo Encontro Internacional de Mulheres em Luta com a presença de

milhares de mulheres de diferentes países, e em 2021, foi instalado o Centro de Treinamento Marítimo-Terrestre Zapatista, o local onde ficaram os quase 200 zapatistas que mais tarde viajariam de barco e avião para a Europa insubmissa.

O Comandanta Ramona foi o primeiro de muitos passos dos zapatistas até a Cidade do México, e foi também a primeira parte de um longo caminho a percorrer: um que os levou a outras partes do mundo, e que também os convidou a repensar as múltiplas dominações nas relações de exploração. Vinte e nove anos após a guerra contra o esquecimento, o zapatismo continua sendo um sonho que abrange muitos mundos, e a Comandanta Ramona se tornou uma estrela guia em sua navegação.



El siglo XXI será el de la liberación de la mujer

Discurso de bienvenida a la II conferencia mundial de mujeres "Women Weaving the Future"



Caras companheiras, irmãs, amigas

Uma recepção muito calorosa à nossa segunda conferência internacional, organizada pela Women Weaving the Future Network. Do fundo de nossos corações, e com todo nosso entusiasmo, saudamos esta comunidade, que supera as distâncias entre fronteiras, idiomas, ambientes e geografias com a proximidade de seus corações. Esta comunidade, aqui reunida, é tão generosa, que encontra no fato de estar sob o mesmo céu razão suficiente para acreditar e confiar uns nos outros e para trabalhar em conjunto.



Antes de tudo, expressamos nossa gratidão à força, esperança e esforço de todas as mulheres que contribuíram para criar este grande e ambicioso encontro. Comemoramos, com respeito e gratidão, as mulheres lutadoras e revolucionárias que perderam suas vidas



enquanto iluminavam nosso mundo que a dominação masculina quer escurecer. Estas mulheres estão conosco nesta sala, agora mesmo, como fotografias, e vivem em nossas lutas. Comemoramos Jina Amini, uma mulher curda, assassinada pelo regime iraniano, e nossa colega Nagihan Akarsel, brutalmente assassinada pelo Estado turco. Nossa raiva contra estes feminicídios ainda é muito recente, assim como nossa grande dor. Mas não vamos sucumbir à nossa dor e raiva. Lutaremos para construir o mundo em que estas mulheres queriam e mereciam viver.

Vamos lutar por tudo o que herdamos de milhares de anos de luta das mulheres pela existência e liberdade. Ao fazer isso, lutaremos por todos.

Sentimos a emoção deste momento histórico tão profundamente como todos nesta sala. A principal razão é que os tempos em que vivemos nos mostram que a revolução das mulheres é possível em todos os sentidos. Podemos ouvir os passos da revolução das mulheres.



No primeiro quarto do século XXI, lutamos para criar e preservar esperança, resistência, sociabilidade, ética, estética e moralidade. Resistimos para transformar esta era, marcada pelas lutas de libertação das mulheres, em uma era em que se possa construir uma vida centrada na mulher. Aumentamos nossa luta para superar todos os obstáculos à nossa reivindicação de mudar o mundo, tornada inacessível pelo domínio masculino, pelo capitalismo e pelos poderes hegemônicos.

Vemos o surgimento de revoltas populares lideradas por mulheres no Irã e Rojhilat (Curdistão Oriental); vemos mulheres travando uma guerra pela existência contra o regime Talibã no Afeganistão; nós mulheres lutando pelo direito ao aborto na Argentina; vemos cada vez mais objeções em todo o mundo contra a crise climática e a destruição ecológica, vemos tanta resistência, em todos os lugares, contra o fascismo e a exploração econômica. E temos visto mulheres resistindo não apenas com suas armas, mas também com seus sorrisos e coragem contra o ISIS, a forma mais sinistra de dominação masculina, e contra o estado turco colonizador, cúmplice do ISIS.

A verdade que estas lutas nos dizem é a que acreditamos, que nos permite enfrentar uma ampla frente de guerra contra as mulheres, onde utilizam todos os meios à sua disposição para o feminicídio.

Para realizar nossa visão e fazer justiça a estas lutas ao redor do mundo, prometemos resistir até que este sistema seja derrotado.

Faremos com que nossas objeções, resistências, lutas, organizações e esforços se tornem mais sistemáticas. Encontraremos nosso caminho caminhando nas pegadas desta verdade. Nesta sala reunimos movimentos de mulheres, coletivos, organizações, acadêmicos e ativistas de 41 países de diferentes continentes. Estamos aqui porque queremos decidir como vamos construir nosso futuro. Queremos compartilhar entre nós nossa luta, nossa experiência e nossa energia.

Agora, em 2022, queremos dar passos mais concretos em direção à Confederação Mundial Democrática das Mulheres, que foi proposta na primeira conferência que realizamos em Frankfurt, em 2018. Aproveitaremos o poder do conhecimento intelectual e prático necessário para o confederalismo feminino. Durante os próximos dias, nossas valiosas participantes compartilharão perspectivas e lutas de diferentes geografias.

Já compartilhamos nossas experiências e isso nos deu muita força e esperança. Nesta conferência precisamos ir além disso e, traçar um roteiro, um rumo para derrotar radicalmente o sistema.

Precisamos de um caminho que una mulheres de diferentes geografias, povos, classes, segmentos e crenças. Para fazer isso, é hora de unir nosso poder e determinar um senso comum de mente, estratégia, curso de ação e política, ou seja, acumular nosso poder e energia em um só lugar. Chegou o momento de dar passos concretos em direção a este objetivo. A comunidade aqui reunida e a sociabilidade que ela representa são a imagem mais concreta mostrando a formação e a existência desta vontade comum.

Durante os próximos dois dias, apresentações e discussões contribuirão para o surgimento dessa vontade coletiva. Além disso, aprofundaremos nossas discussões com oficinas preparadas utilizando os métodos e insumos da Jineoloji. Os temas que discutiremos foram determinados coletivamente para abordar as necessidades básicas, dificuldades e pontos em comum das lutas das mulheres em todo o mundo, em todas as suas diversidades. Na última sessão, discutiremos os passos concretos necessários para criar os laços que as mulheres ao redor do mundo devem estabelecer entre si a fim de desenvolver as ferramentas organizacionais necessárias para nossa luta comum. Todas as suas valiosas opiniões e sugestões fortalecerão a criação destes passos.

Os alicerces desta reunião de dois dias são poderosos. Toda e qualquer reunião em que participamos abriu caminho. Nosso processo de preparação para a conferência foi um exemplo concreto dos grandes resultados que uma luta comum produziria. As discussões que tivemos em diferentes geografias, desde a criação do programa da conferência até a determinação dos participantes, mostraram a riqueza e a profundidade da mente comum das mulheres que resistem. A paixão de cada uma das mulheres envolvidas nos preparativos é uma expressão disso. Nosso grupo de tradutoras voluntárias, composto de 63 pessoas, interpretará todas as apresentações em 8 idiomas ao longo de dois dias. As organizações "Gemeinsam Kaempfen" e os membros da Women Defend Rojava têm trabalhado meticulosamente para atender nossas necessidades logísticas e de transporte. Os comitês da Jineoloji têm trabalhado meses antes para se preparar para as oficinas. A Assembleia da Mulher Curda DESTAN, as famílias da comunidade política curda, assim como nossos amigos internacionalistas em Berlim, estão nos oferecendo a essência da hospitalidade e da socialidade curda, abrindo suas casas para centenas de pessoas e estando ao nosso lado em todas as etapas da conferência. Graças à Universidade Técnica de Berlim e Asta, por sediar nossa conferência, à nossa equipe que trabalhou duro em gráficos, informações e imprensa, e a todos aqueles que não puderam participar desta conferência de dois dias por diferentes razões. Gostaríamos de expressar nossa infinita gratidão a cada uma das heroínas anônimas que contribuíram para a organização, e especialmente à imprensa curda, que documentará estes dias históricos para nossa memória coletiva de resistência.

Finalmente, uma saudação a todos aqueles que continuam a lutar pela libertação da vida atrás das grades, mulheres e revolucionárias que são prisioneiras políticas de regimes patriarcais que querem sufocar a vida na Terra. Prometemos que faremos suas utopias se tornarem realidade. De Berlim, em nome da Rede Mulheres Tecendo o Futuro, em uma sala com centenas de mulheres resistentes de todo o mundo:

Enviamos nosso amor revolucionário e nossas saudações a todos os presos políticos do mundo, e especialmente a Abdullah Öcalan, camarada da luta de libertação das mulheres no Curdistão e mais além, com a convicção de que vamos encontrá-las todas em liberdade. A liberdade delas é a nossa liberdade.

Terminamos este discurso de boas-vindas com nosso slogan que tem encantado o mundo nas últimas semanas. É nossa filosofia de vida, nosso compromisso com a liberdade, é um presente das mulheres do Curdistão para a luta de libertação em todo o mundo, contra o patriarcado, contra o capitalismo e contra todas as formas de fascismo, nós dizemos:





A Guarda Indígena.

Autodefesa como garantia da autonomia





O Conselho Regional Indígena do Cauca, CRIC, é uma organização que abrange mais de 90% das comunidades indígenas do departamento do Cauca, no território ocupado pelo Estado Colombiano.

Atualmente, o CRIC representa 115 Cabildos e 11 Associações de Cabildos, que estão divididos em 9 zonas estratégicas. Existe 84 Resguardos legalmente constituídos vinculados à 8 povos indígenas do Cauca: Nasa-Paéz, Guambiano Yanaconas, Coconucos, Epiraras-siapiraras (Emberas), Totoroes, Inganos e Guanacos.

Os Cabildos são reconhecidos como Autoridade Tradicional dos povos indígenas do Cauca, sendo estas entidades públicas de caráter especial que atualmente lideram negociações com o Estado, resultado de inúmeros compromissos que a nação colombiana possui com os povos indígenas desta parte do país.

As decisões de vida são tomadas pelo Congresso Regional Indígena. Neste Congresso se definem políticas e se projeta o que fazer em termos econômicos, sociais, culturais, territoriais, ambientais, jurídicos, entre outros. Também são determinadas ações, estratégias e nomeação de conselheiros para um período de dois anos.

Origem do CRIC



No dia 24 de fevereiro de 1971, em Toribío, um município do departamento do Cauca na Colômbia, sete Cabildos e Resguardos indígenas criam o Conselho Regional Indígena do Cauca (CRIC), nomeando o primeiro Comitê Executivo, que não pode funcionar devido a repressão dos latifundiários e, na época, pouca organização. Em setembro do mesmo ano foi realizado o Segundo Congresso do CRIC em Tacueyó, onde foram definidos os pontos do programa político cujas exigências constituíram o eixo do nosso movimento e se retomaram os ensinamentos de lideranças como La Gaitana, Juan Tama e Manuel Quintín Lame, com os quais fortalecemos nossas lutas enquanto comunidades indígenas através da exigência de efetivar a aplicação da lei 89 de 1890 a luz dos pontos da Plataforma de Luta do CRIC, apresentada no ano de sua criação.



La Gaitana foi uma heroína indígena do século XVI da região de Timaná Huila nos Andes colombianos. Também conhecida como Guatipán, foi símbolo de rebeldia e resistência, liderou os seus contra a invasão dos conquistadores espanhóis entre 1539 e 1540.



Juan Tama de la Estrella foi um líder indígena do povo Nasa, cacique de Vitoncó entre 1682 e 1718. Liderou o processo para que a coroa espanhola reconhecesse legalmente os territórios indígenas.



Manuel Quintín Lame Chantre foi um líder indígena colombiano. Participou na Guerra dos Mil Dias e da Violência bipartidista colombiana e se caracterizou por suas lutas em defesa dos povos indígenas.



“Somos diferentes, mas não indiferentes”

Defendemos o Plano de Vida para seguir seu caminho como mecanismo de construção da convivência e harmonia nos territórios indígenas. Assim como nossos anciãos e espíritos defenderam e cuidaram o território como uma tarefa ancestral, a Guarda Indígena do Cauca tem como objetivo seguir o caminho da vigilância, controle, alarme, proteção e defesa de nossa terra em coordenação com as autoridades tradicionais e a comunidade, guardiões da nossa vida que promovem sempre a defesa dos direitos. Esta função das guardas é muito antiga e passou por diferentes etapas:

- Desde a época da colonização, quando nos invadiram e tivemos de nos defender do invasor.

- Na época de Juan Tama: reconstruindo os “resguardos”, onde ocorre a vigilância e a resistência.

- Na época do nascimento do CRIC, em 1971, com as recuperações de terras onde a Guarda era a encarregada de dar o grito de alarme frente aos latifundiários.

- Os congressos de zona e regionais que foram registrados nos territórios indígenas.

- Este caminho nos permite analisar que nosso trabalho tem raízes fundamentais no processo de vida das comunidades e, por esse motivo, devemos valorizá-lo e defendê-lo como nossos anciãos vem realizando.



A Guarda Indígena dos povos indígenas do Cauca é um coletivo composto por crianças, mulheres e adultos. Nosso processo de resistência e sobrevivência em nosso território é a defesa da vida e da autonomia dos povos indígenas. Conforme consta no Plano de Vida e em resposta a todos os fatores de violência que atentam contra o bem-estar e a harmonia das crianças, dos jovens, dos adultos e mais velhos: baseados na lei originária, no exercício de direito próprio e na Constituição Nacional Art. 7, 330 e 246.

A Guarda Indígena é um organismo ancestral próprio dos povos e um instrumento de resistência, unidade e autonomia na defesa do território e do plano de vida das comunidades indígenas. Não é uma estrutura policial, mas sim um mecanismo humanitário e de resistência civil. Busca proteger e difundir sua cultura ancestral e exercitar o direito próprio. Os mandatos assumidos na guarda são derivados das assembleias, razão pela qual dependem diretamente das autoridades indígenas. A Guarda surge para autodefesa frente as agressões de todos aqueles que agredem aos povos. Porém, a defesa se realiza apenas com nossa chonta, o bastão de comando, que agrega um valor simbólico à guarda.

A Guarda Indígena está em processo de iniciar uma formação permanente sobre temas como resistência pacífica, legislação indígena, direitos humanos, estratégia e emergências. Entre os trabalhos humanitários está a busca de desaparecidos, a liberação de pessoas sequestradas e detidas, o acompanhamento e apoio permanente aos Cabildos, o transporte de feridos e primeiros socorros, segurança e proteção das mobilizações, marchas, congressos, assembleias permanentes, proteção dos locais sagrados, entre outras. Ademais, alertam à comunidade com um sistema eficaz de comunicação, que permite avisar em tempo hábil sobre os riscos de bombardeio, massacre ou permanecer em meio ao combate. O controle territorial se realiza com contenções localizadas na entrada e saída dos Resguardos.

Os guardas não recebem nenhuma remuneração, é um esforço voluntário e consciente em defesa de sua cosmovisão e da pluriculturalidade. Estes fatos mostram um processo contundente e uma mensagem política importante, além de ser um símbolo de como a sociedade manifesta sua autonomia e a defesa da Constituição de 1991. Ainda, esta experiência ressalta uma atitude de neutralidade positiva e uma mensagem de paz para o país.

“Guardar, cuidar, defender, preservar, perdurar, sonhar os próprios sonhos, escutas as próprias vozes, rir as próprias risadas, cantar os próprios cantos, chorar as próprias lágrimas” é a razão da sua existência.

Situação dos direitos humanos na Colômbia e no Cauca

A situação crítica apresentada pelo panorama da violação de direitos humanos e as infrações ao direito internacional humanitário no contexto dos grupos étnicos colombianos, em especial das comunidades indígenas, os submete a um estado de alta vulnerabilidade. Estas comunidades – em meio ao fogo cruzado que vive o país – seguem confrontando difíceis situações e ao mesmo tempo o reiterado desconhecimento de seus direitos étnicos, econômicos, sociais e culturais acompanhados de múltiplas agressões aos seus direitos civis e políticos.

As comunidades indígenas, camponesas e negras, sofrem todas as consequências da violência da guerra.



Frequentemente ocorrem casos de privações arbitrárias da vida e da liberdade, restrições injustificadas à liberdade de circulação, apropriação ilícita de bens de consumo e uso desproporcional do poder armado e da força, violações estas que seguem impunes.

Na guerra interna da Colômbia, os mortos são basicamente os pobres, entre eles as comunidades indígenas, que se tornam anônimas através do rótulo de "população civil" ou de "camponeses", sem especificar se são ou não de comunidades indígenas. Segundo a ONU, a vigência efetiva dos direitos dos grupos étnicos foi entorpecida por diversos fatores; entre eles, o desconhecimento da legislação que protege as comunidades indígenas por muitas autoridades do Estado, o desenvolvimento de conflitos permanentes sobre a propriedade da terra e outros estamentos sociais (latifundiários, empresas e multinacionais), e as estratégias de controle territorial que inspiram a atividade violenta de diversos atores armados.

Parte da proposta dos povos indígenas do Cauca é abrir caminho para uma cultura de paz, desde os princípios da guarda indígena, que consolida a vigência dos Direitos Humanos e o respeito irrestrito à normatividade humanitária por parte de todos e cada um dos que participam e não participam na guerra. Assim é possível visualizar o princípio do caminho no qual a afirmação cotidiana da diferença faça parte de um país inclusivo que todos e todas desejamos e merecemos.



O que aconteceu na história?

1 de Janeiro 1804

O Haiti se torna uma república independente, após uma revolução que começou 13 anos antes como uma rebelião contra a escravidão e o colonialismo francês.

Anteriormente conhecida como Saint-Domingue, era a colônia mais rentável do mundo, gerando mais receitas do que todas as colônias continentais da América do Norte juntas. Esta imensa riqueza era gerada pelo suor e sangue dos africanos escravizados que trabalhavam até a morte pelas dezenas de milhares de pessoas nas plantações de café e açúcar.

Pouco depois da Revolução Francesa, que supostamente abraçou os ideais de "liberdade, igualdade e fraternidade", os escravos revoltaram-se em 22 de agosto de 1791, exigindo a realização destes ideais e a abolição da escravidão e do colonialismo. Nos anos seguintes, os rebeldes derrotaram com sucesso os exércitos combinados das maiores potências coloniais do mundo: França, Espanha e Grã-Bretanha. A declaração de independência de 1804 aboliu a colônia de Saint-Domingue e restaurou o nome indígena Taino de Hayti. A Europa e os Estados Unidos então ostracizaram a recém-criada república, causando-lhe severas dificuldades econômicas.

Em 1825, a França finalmente concordou em reconhecer a independência do Haiti na condição de compensar os antigos escravos com 150 milhões de francos de ouro (US\$ 21 bilhões em dólares de hoje), um resgate que empobreceu profundamente o governo e não foi totalmente reembolsado até 1947. Os Estados Unidos não reconheceram a independência do Haiti até 1862, o que não o impediu de invadir e ocupar o Haiti em 1915.

1 de Janeiro 1994

A revolta zapatista começa, quando os povos indígenas de Chiapas (México) se levantam e assumem o controle de suas comunidades, redistribuindo o poder e organizando novas formas diretamente democráticas de administrar a sociedade. Apesar da repressão estatal, da violência e dos massacres, seu movimento de cerca de 300.000 pessoas continua autogerido até hoje.

3 de Janeiro 1925

A mártir da resistência antifascista Ulyana Matveevna Gromova nasceu na aldeia ucraniana de Pervomais'kyi. Aos 17 anos de idade, quando os nazistas ocuparam sua província natal, ela organizou um grupo de resistência local clandestino formado por jovens de seu vilarejo. Ela foi presa no ano seguinte durante uma prisão em massa de suspeitos de serem partidários. Enquanto tentavam descobrir os nomes de seus camaradas, os nazistas a torturaram brutalmente: ela foi açoitada com metal, queimada com ferros quentes, teve sua pele e partes do corpo cortadas e o sal derramado em suas feridas, seu braço e costelas quebrados e seu cabelo arrancado, mas ela se recusou a revelar um único nome. Enquanto isso, ela continuou a encorajar seus companheiros de prisão recitando poesia. Ela foi executada em 1943 e atirada em uma mina. Após a guerra, seu corpo foi recuperado, enterrado junto a outros partidários e recebeu postumamente o título de Heroína da União Soviética.

5 de Janeiro 1960

O combatente da resistência francesa e espanhola Francesc Sabaté Llopart é assassinado por milicianos e policiais fascistas na Catalunha.

Conhecido como "el Quico", Sabaté lutou contra as forças de direita do General Francisco Franco na Guerra Civil espanhola e depois lutou com a Resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Mais tarde ele se juntou à resistência clandestina na Espanha, tornando-se um de seus combatentes mais célebres e mais antigos.

6 de Janeiro 2006

Comandanta Ramona, uma líder maia tzotzil zapatista e ativista dos direitos da mulher, morreu no México aos 47 anos de idade. Comandanta Ramona era o nome de guerra de uma oficial do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) que liderou a ação em San Cristóbal durante a revolta zapatista de 1994.

Seu companheiro zapatista Subcomandante Marcos, falecido e renascido como Subcomandante Galeano, comentou sobre sua morte: "O mundo perdeu uma daquelas mulheres de que precisa. O México perdeu uma das mulheres combativas de que precisa, e nós perdemos um pedaço do nosso coração".

9 de Janeiro 2013

Os militantes do PKK e PAJK Sakine Cansiz (Sara), Fidan Dogan (Rojbin) e Leyla Şaylemez (Ronahi) foram assassinados a sangue frio por um agente dos serviços secretos turcos em Paris.

O assassino agiu sob instruções diretas da alta liderança do governo turco e de seu aparato de inteligência. Nem o sistema judiciário francês nem qualquer uma das instituições europeias responsáveis fizeram esforços sérios e confiáveis para investigar este crime sujo. Com a morte do assassino na prisão francesa em 2016, apenas algumas semanas antes do início do julgamento, o caso foi colocado em espera e as pessoas que estavam realmente por trás dele permanecem impunes até hoje. Dado o comportamento das autoridades francesas e europeias, deve-se supor que os serviços de inteligência europeus estavam envolvidos no massacre de Paris. De fato, o triplo assassinato dos três revolucionários é muito mais que uma liquidação política, é um ataque e uma pérfida conspiração orquestrada contra a linha da ideologia da libertação da mulher e todo o movimento pela liberdade. O massacre de Paris deve ser



entendido como a resposta do sistema de dominação masculina e sua manifestação mais brutal e opressiva, o sistema da modernidade capitalista, contra a liderança e a auto-organização das mulheres na luta revolucionária. Desta forma, as próprias vítimas também foram escolhidas pelos assassinos de forma consciente e com cálculos precisos. A mensagem da escritura dificilmente poderia ter sido mais clara.

15 de Janeiro 1919

Os socialistas Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht são assassinados em Berlim pelo paramilitar de direita Freikorps, agindo sob as ordens do Partido Social Democrata da Alemanha (SPD). Luxemburg e Liebknecht desempenharam um papel importante na Revolução Alemã de 1918-1919.

20 de Janeiro 1973

Amílcar Cabral, um dos mais proeminentes líderes anticoloniais da África, foi assassinado cerca de oito meses antes de poder ver sua terra natal, Cabo Verde e Guiné-Bissau, conquistar a independência de Portugal.

De 1963 até seu assassinato em 1973, Cabral liderou o movimento guerrilheiro PAIGC (na Guiné portuguesa) contra o governo português, que se tornou uma das guerras de independência mais bem sucedidas da história africana moderna.

Profundamente influenciado pelo marxismo, ele o adaptou às realidades sociais e econômicas da Guiné-Bissau, e se tornou uma inspiração para os socialistas revolucionários e os movimentos de independência nacional em todo o mundo.

A luta contra o colonialismo nas colônias portuguesas acabou levando à revolução em Portugal e à queda da ditadura, que durou décadas.

25 de Janeiro 1911

Kanno Sugako, uma feminista anarquista japonesa, é executada por sua participação em uma conspiração para assassinar o Imperador. Ela continua sendo a única mulher executada no Japão por traição.

Radicalizada aos 14 anos após ter sido violada, ela foi uma das primeiras defensoras dos direitos das mulheres e jornalistas do Japão, assim como uma prolífica escritora de ficção e não-ficção. Ela foi inspirada por Sophia Perovskaya, que ajudou a assassinar o czar russo.

Sugako havia admitido sua culpa na trama, assim como sua meia dúzia de cúmplices. Mas 24 anarquistas, na maioria inocentes, foram condenados à morte, o que enfureceu Sugako.

Em seu diário penitenciário ela escreveu: "Escusado será dizer que eu estava preparada para a sentença de morte. Minha única preocupação dia e noite era que o maior número possível dos meus colegas réus deveriam ser salvos... Estou convencida de que nosso sacrifício não é em vão. Ele dará frutos no futuro. Estou confiante de que, porque acredito firmemente que minha morte servirá a um propósito valioso, serei capaz de manter meu respeito próprio até o último momento no cadafalso. Estarei envolvida pelo pensamento maravilhosamente reconfortante de que estou me sacrificando pela causa. Acredito que posso morrer uma morte nobre sem medo ou angústia".

Em sua última entrada, ela escreveu como se sentiu quando soube que 12 de seus colegas réus haviam sido indultados, de modo que não seriam executados: "Estou muito feliz que alguns dos réus tenham sido poupados. Eles devem ser as pessoas que eu tinha certeza de que eram inocentes. Depois de ouvir a notícia, senti como se metade do peso tivesse sido retirado de meus ombros".

26-27 de Janeiro 2015

Oito anos se passaram desde a libertação de Kobanê.

A batalha estratégica de Kobanê ocorreu entre 15 de setembro de 2014 e 26-27 de janeiro de 2015, quando foi liberada. Os mercenários do ISIS lançaram o primeiro ataque contra a cidade de Kobanê na noite de 14 a 15 de setembro. O cerco duraria quatro meses, até 26-27 de janeiro de 2015. Esses meses de batalha testemunhariam uma defesa dos valores da humanidade num espírito épico de autossacrifício que entrou para a história e marca uma nova era de esperança para todos os movimentos revolucionários em todo o mundo.

2 de Fevereiro 1902

Isabelo de los Reyes estabelece a União Obreira Democrática Filipina, a primeira federação sindical das Filipinas. No ano seguinte, teve 150 sindicatos afiliados e 20.000 membros. Os princípios do sindicato foram baseados nas ideias do comunista alemão Karl Marx e do anarquista italiano Errico Malatesta. Reyes (foto) havia passado algum tempo na Espanha, onde foi preso por incitar greves; na prisão ele se familiarizou com as ideias anarquistas e marxistas, e trouxe de volta às Filipinas um grande número de livros de autores como Marx e o anarquista russo Mikhail Bakunin.

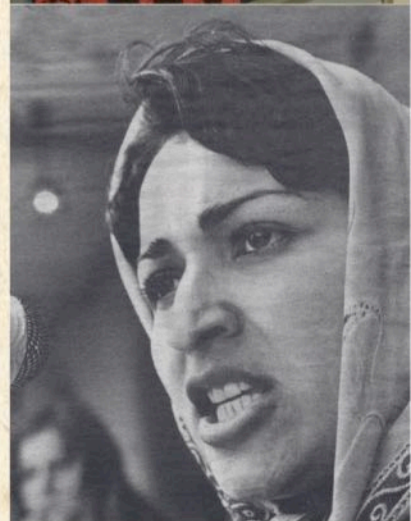
4 de Fevereiro 1987

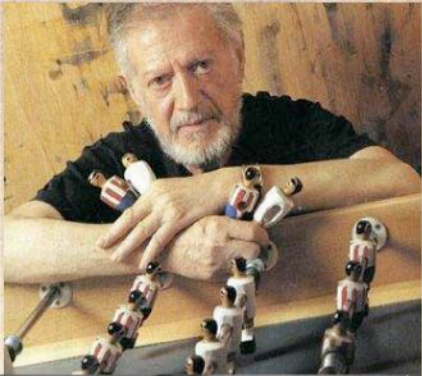
Meena Keshwar Kamal, militante política afegã e defensora dos direitos da mulher, é assassinada no Paquistão. Em 1977, ela fundou a Associação Revolucionária das Mulheres Afegãs (RAWA) em Cabul, cuja missão era "dar voz às mulheres despossuídas e silenciadas do Afeganistão" e ensinar as mulheres afegãs a ler e escrever. Dois homens mais tarde confessaram tê-la assassinado, ambos ligados à KHAD, a agência policial secreta sob ocupação soviética. Kamal e RAWA se opuseram à ocupação soviética do Afeganistão. O trabalho da RAWA continua, embora principalmente em segredo devido ao domínio do Talibã.

5 de Fevereiro 1919

140 trabalhadores do sindicato anarquista Confederação Nacional do Trabalho entram em greve contra a demissão de oito trabalhadores da usina hidrelétrica La Canadiense, na Catalunha. Três dias depois, quase todos os outros trabalhadores se juntaram a eles.

Uma semana depois, 80% dos trabalhadores têxteis de Barcelona entraram em greve em apoio, assim como os





trabalhadores do setor elétrico. Em 21 de fevereiro, os trabalhadores do setor elétrico de toda a cidade entraram em greve, fechando 70% das empresas catalãs.

O governo tenta publicar um apelo aos trabalhadores para se alistarem no exército e tentar quebrar a greve, mas os trabalhadores da imprensa se recusam a publicá-la, assim como a publicar qualquer crítica aos grevistas.

9 de Fevereiro 2007

Alejandro Finisterre, poeta anarquista e inventor da versão espanhola do futebol de mesa, morre em Zamora, Espanha. Ele inventou o jogo depois de ter se machucado durante a guerra civil espanhola e a revolução para que as crianças machucadas pudessem continuar a jogar futebol.

Ele fugiu após a vitória fascista e acabou na Guatemala, onde jogou futebol com Che Guevara. Após o golpe militar apoiado pelos EUA no país, ele foi sequestrado pelos agentes de Francisco Franco e colocado em um avião para Madrid. No entanto, a bordo ele foi ao banheiro, embrulhou uma barra de sabão no jornal e saiu gritando "Eu sou um refugiado espanhol" e ameaçando explodir o avião. Com o apoio da tripulação e dos passageiros, o avião pousou e ele foi solto no Panamá.

12 de Fevereiro 1920

A primeira greve organizada por mulheres na Colômbia ocorreu na fábrica têxtil em Bello, Antioquia.

Cerca de 400 mulheres entraram em greve para exigir salário igual ao dos homens, o fim do assédio sexual por parte dos gerentes, a abolição das multas por licença por doença, a redução da vigilância e das buscas dos trabalhadores, e que os salários sejam pagos diretamente às trabalhadoras e não a seus pais ou maridos.

Entre os principais organizadores estavam Teresa Tamayo, Adelina González, Carmen Agudelo, Teresa Piedrahita, Matilde Montoya e Betsabé Espinal (foto). A maioria dos trabalhadores da fábrica masculina cruzou as linhas de piquete enquanto a polícia tentava quebrar a greve. Mas as mulheres se mantiveram firmes; elas tiveram amplo apoio público e receberam doações de trabalhadores, especialmente em Medellín.

Finalmente, em 4 de março, as mulheres ganharam a maioria de suas demandas, incluindo um aumento salarial de 40%, redução do horário de trabalho, melhoria da saúde e segurança, a abolição de multas e a demissão de vários gerentes abusivos.

13 de Fevereiro 2012

Os estudantes de Quebec lançaram uma greve geral ilimitada em toda a província contra o aumento das mensalidades. Combinado com grandes manifestações e tumultos generalizados, a greve durou até agosto e em setembro o governo reverteu o aumento.

15 de Fevereiro 1999

O líder do povo curdo Abdullah Öcalan é preso como parte de uma conspiração internacional. Esta conspiração ainda está ativa e assumiu várias formas. Ela começou em 9 de outubro de 1998 e seu objetivo era a eliminação da luta de libertação nacional liderada por Abdullah Öcalan, uma luta baseada nos princípios da democracia, da justiça ecológica e da libertação da mulher. Os eventos e resultados desta conspiração devem ser levados a sério e deve ser reconhecido que seu planejamento foi baseado nos interesses e políticas de vários poderes e partidos globais, regionais e locais. Para entender melhor os eventos e os resultados, vamos nos concentrar na pessoa de Abdullah Öcalan, suas opiniões e a conspiração internacional contra ele.

A conspiração internacional prosseguiu de acordo com um programa organizado e consciente preparado e executado durante muitos anos, uma vez que os papéis de todas as forças e partes envolvidas nesta conspiração foram estabelecidos com extrema precisão, de acordo com um plano organizacional bem elaborado. Os fios desta conspiração começaram com os serviços secretos internos e a polícia da Turquia e se estenderam a numerosas organizações internacionais e serviços secretos.

21 de Fevereiro 1965

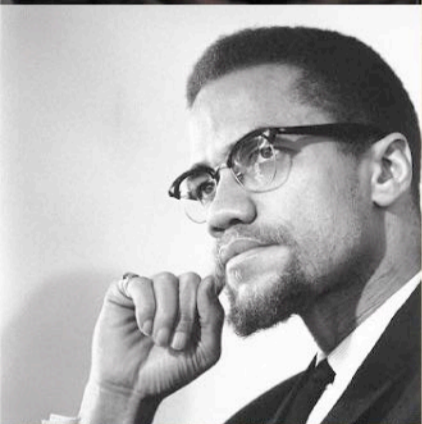
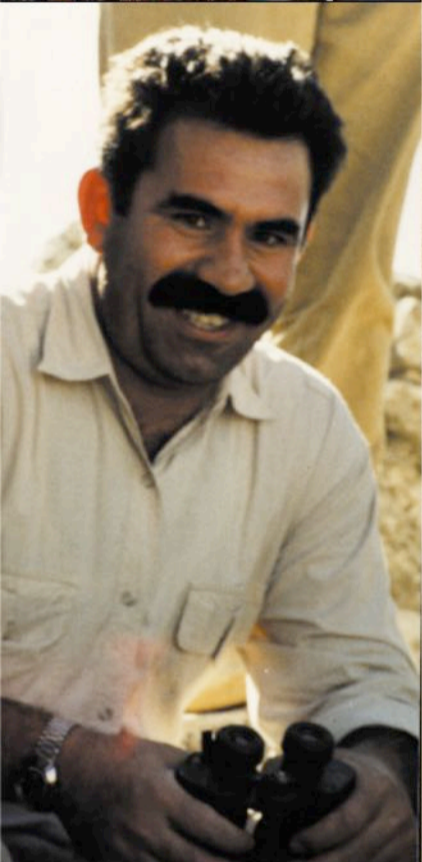
El-Hajj Malik el-Shabazz, mais conhecido como Malcolm X, um orador e ativista dos movimentos de direitos civis e do poder negro nos EUA, foi assassinado quando estava prestes a se dirigir a uma multidão de partidários em Nova York. Ex-membro da Nação do Islã (Nol), Malcolm X se afastou publicamente da organização por questões como a falha do líder Nol Elijah Mohammed em aprovar medidas para responder aos ataques da polícia contra muçulmanos negros em Los Angeles. Ele fundou sua própria mesquita, bem como a secular Organização de Unidade Afro-Americana. Malcolm X já era um alvo da polícia e do FBI e acabou sendo caçado pela NOL, com líderes como Louis Farrakhan declarando-o "digno de morte". Ele foi assassinado por um membro desta organização. Thomas Nagel

21 de Fevereiro 1936

O anarquista coreano Shin Chae-ho morre na prisão. Ele e um de seus camaradas haviam sido presos pela polícia colonial japonesa e foram condenados a 10 anos de trabalhos forçados por pertencerem a uma organização secreta. Shin tinha sido o principal jornalista da Coreia, escrevendo para Hansong News e Dae Han Daily, e escreveu o Manifesto Revolucionário Coreano publicado pela organização de combate anti-colonial Band of Heroes.

23 de Fevereiro 2005

O governo francês introduz uma lei que obriga as escolas a ensinar os aspectos "positivos" do colonialismo francês. Em um projeto de lei para honrar os argelinos que lutaram pela França na guerra contra a independência argelina, foi acrescentada uma frase dizendo: "Os cursos escolares devem reconhecer em particular o papel positivo da presença francesa no exterior, especialmente no norte da África".



25 de Fevereiro 1986

O ditador anticomunista das Filipinas, Ferdinand Marcos, apoiado pelos EUA, é derrubado e forçado a fugir do país pelos protestos em massa da "revolução do poder do povo". Somente durante a última década de seu governo de 20 anos, ele foi responsável pelo assassinato de pelo menos 3.257 pessoas, bem como pela tortura de 35.000 pessoas e pela detenção de outras dezenas de milhares.

3 de Março 1816

Juana Azurduy, uma mulher mestiça de ascendência quíchua do que é hoje a Bolívia, levou um de seus destacamentos militares anti-coloniais, incluindo uma unidade de mulheres conhecidas como Amazonas, à vitória na batalha contra as tropas espanholas perto de Villa.

8 de Março 1917

milhares de donas de casa e trabalhadoras em São Petersburgo (Rússia) desafiam os apelos de calma dos líderes sindicais e saíram às ruas contra os altos preços e a fome, provocando a revolução de fevereiro (assim chamada por causa do calendário diferente em uso na época). No dia seguinte, 200.000 trabalhadores se juntaram a eles em greve, gritando slogans contra o czar e a guerra. Algumas unidades militares começaram a se juntar aos trabalhadores, e no dia 15 de março o czar Nicolau II foi forçado a abdicar.

Em 8 de março de 1918, as mulheres austríacas comemoraram o Dia Internacional da Mulher pela primeira vez nesta data, quando milhares delas saíram às ruas para protestar contra a Primeira Guerra Mundial. Há um mito popular de que o 8 de março foi escolhido no aniversário de uma greve das trabalhadoras em Nova York em 1857, e outra greve na mesma data em 1908, mas isto é incorreto.

12 de Março 1912

Os empregadores cedem à maioria das exigências da greve do Pão e Rosas de 20.000 trabalhadores do vestuário, a maioria mulheres e meninas, em Lawrence, Massachusetts. A greve, iniciada por mulheres polonesas, foi denunciada pela Federação Americana do Trabalho como "revolucionária" e "anarquista", e os trabalhadores se voltaram para o sindicato radical dos Trabalhadores Industriais do Mundo (IWW) em busca de apoio. O nome da greve aludia ao desejo dos trabalhadores de satisfazer suas necessidades básicas, "pão", assim como as belas coisas da vida, "rosas".

13 de Março 1940

O revolucionário indiano Udham Singh assassina o ex-governador tenente do Punjab, Michael O'Dwyer, em uma reunião em Londres. O assassinato foi vingança pelo massacre de Jallianwala Bagh em 1919, quando O'Dwyer enviou tropas para atacar um protesto pacífico, resultando em cerca de 1.800 pessoas mortas e mais de 1.200 feridos. O'Dwyer referiu-se aos eventos como uma "ação correta".

14 de Março 1883

O comunista alemão Karl Marx morre em Londres aos 64 anos de idade.

Ele havia viajado para a Grã-Bretanha após ter sido banido da Alemanha e preso em Paris, de onde conseguiu escapar. O Manchester Courier e o Lancashire General Advertiser relataram que em seu funeral Friedrich Engels, amigo e colaborador de longa data de Marx, descreveu Marx como "o homem mais odiado e mais caluniado da Europa... [que] tinha vivido, embora seu trabalho estivesse inacabado, para ver suas opiniões serem abraçadas por milhões de pessoas em ambos os hemisférios".

15 de Março 1919

Milhares de mulheres protestam no Egito contra a ocupação britânica. Em particular, a prisão e a deportação para Malta de Saad Zaghlul, um destacado político egípcio, e vários outros ativistas causaram indignação generalizada e galvanizaram o sentimento anti-colonial. Foi um dos primeiros eventos da revolução egípcia que acabaria por derrubar o domínio britânico.

16 de Março 1921

O Exército Vermelho, sob o comando de Leon Trotsky, realiza seu último ataque sangrento contra os trabalhadores e marinheiros de Kronstadt, que se rebelaram contra a ditadura bolchevique recém-fundada. Os rebeldes, principalmente comunistas e socialistas dissidentes, protestavam contra a repressão das greves em Petrogrado e exigiam liberdade sindical, liberdade de expressão para trabalhadores e revolucionários, liberdade para presos políticos socialistas e a abolição das rações alimentares reforçadas para os burocratas do Partido Bolchevique.

Trotsky havia descrito anteriormente os marinheiros como o "orgulho e glória da revolução", devido ao seu papel-chave na revolução de 1917. Mas quando se rebelaram contra os novos governantes, Trotsky ordenou que fossem "subjugados pela força das armas", e um comitê liderado por Grigory Zinoviev ameaçou "atirar neles" "como perdizes"

18 de Março 1871

A comuna parisiense, uma das mais significativas tentativas iniciais de uma revolta da classe trabalhadora para criar o socialismo, é estabelecida. Os trabalhadores parisienses, acompanhados por guardas nacionais rebeldes, tomaram a cidade e iniciaram a reorganização de uma sociedade baseada em conselhos de trabalhadores. Os comunas conseguiram manter a cidade até o final de maio, quando, ao retomarem a cidade, as tropas massacraram até 30.000 trabalhadores em sangrenta vingança.



23 de Março 1944

O ataque mais importante da resistência partidária italiana contra as forças de ocupação nazistas ocorreu na Via Rasella, em Roma. Cerca de uma dúzia de partidários do Grupo de Ação Patriótica (GAP) liderado pela comunidade atacou uma empresa SS de mais de 150 alemães étnicos encarregados de combater a resistência. Os partidários detonaram uma bomba caseira e depois abriram fogo com bombas de morteiro, granadas de mão e pistolas, antes de desaparecerem. A unidade de resistência não sofreu vítimas, enquanto mais de 30 funcionários da SS foram mortos e mais de 100 feridos. Incapazes de capturar os responsáveis, no dia seguinte os enfurecidos nazistas massacraram 335 pessoas, algumas das quais haviam sido presas por atividades da resistência, mas a maioria delas eram civis sem parentes.

26 de Março 1953

Os guerrilheiros Mau Mau que lutam contra o colonialismo britânico no Quênia atacam a delegacia de polícia de Nainashá. Eles infligiram uma derrota humilhante à polícia e libertaram 173 prisioneiros, muitos deles Mau Mau, de um campo de detenção adjacente. Embora a revolta tenha sido esmagada pela repressão maciça e pelos assassinatos das forças britânicas, a independência foi alcançada alguns anos mais tarde.

30 de Março 1976

Dia da Terra Palestina. Neste dia uma greve geral e protestos em massa começam na Palestina/Israel em protesto contra o confisco, pelo governo israelense, de grandes extensões de terras de propriedade árabe na Galiléia para construir assentamentos e instalações militares judaicas.

Uma greve de solidariedade teve lugar na maioria dos campos de refugiados palestinos no Líbano. Houve confrontos generalizados com as forças de segurança, com a polícia e o exército atirando em seis manifestantes desarmados, ferindo cerca de 100 pessoas e prendendo centenas a mais.

Os protestos e a indignação pela repressão geraram um sentimento de solidariedade árabe palestina na região e provocaram mais agitação pelos direitos palestinos.



Canção

Guerra Popular Revolucionaria

Luz de luna en Kurdistan
Y en sus montañas libertad
Suena la voz de la historia
Que me llama a participar

Hoy los pueblos del mundo se levantan
Quieren dejar clara su voluntad
Nisiquiera la muerte los aparta
Veremos juntos la verdad triunfar

Luz de luna en Kurdistan
Y en sus montañas libertad
Suena la voz de la historia
Que me llama a participar

Construido con la sangre y esfuerzo
De quienes dieron su vida al luchar
Camino dado por Rêber Öcalan
Por la libertad de la humanidad
Cada ciudad más de mil barricadas
Y en los campos voluntad popular
Una vez más levantados en armas
Defendiendo la vida comunal

Luz de luna en Kurdistan
Y en sus montañas libertad
Suena la voz de la historia
Que me llama a participar

Manuel Tama

Escrito nas montanhas livres do Curdistão
Pouco depois da batalha vitoriosa de Garê
Março de 2021.

ALINA
VIVE

